

REVISTA

RAP

NACIONAL

www.rapnacional.com.br

"SE CANTAR
PRA BOY É
EVOLUÇÃO,
VOU MORRER
CONSERVADOR"

EDUARDO
FACÇÃO CENTRAL

Leia na íntegra duas
páginas do livro inédito
do rapper e confira uma
entrevista exclusiva



Nº1

Outubro/2011

DISTRIBUIÇÃO:



R\$6,99

NESTA EDIÇÃO: DETENTOS DO RAP, REALIDADE CRUEL, DEXTER, FLORIPA MC'S, INQUÉRITO, SLIM RIMOGRFIA, NITRO DI, DON PIXOTE, RAPADURA, PREGADOR LUO, CRIOLO, PALAVRA FEMININA, GANGSTA PARADISE, MULHERES DO HIP-HOP, FC CREW...

E +: MODA URBANA, QUADRINHOS, LANÇAMENTOS, COBERTURAS, ENTREVISTAS E INTERATIVIDADE



Nosso papel vai muito além do impresso...
Portal Rap Nacional

Revista - Site - TV - Rádio - Loja

11 anos de credibilidade
35 mil visitas por dia



www.rapnacional.com.br



Páginas 8 e 9



Páginas 20 e 21



Páginas 44 e 45



Páginas 18 e 19



Páginas 28 a 41



Páginas 10 a 13

Editorial

PALMAS PRO RAP..

“Vaí Mandrake... Faz o bagulho... É rapnacional.com e já era!”

Foram essas as palavras do finado Sabotage que me incentivaram a criar o Site Rap Nacional. Doze anos se passaram e agora ousou lançar também a revista Rap Nacional e dedico essa vitória a ele, Preto Ghóez e Dina Di.

Não aceito o fato de um movimento forte como o rap não ter uma mídia impressa para levar aos quatro cantos desse Brasil informações sobre nossa cultura. A internet é importante e essencial, mas não pode ser a única forma de divulgação.

A magia da revista nunca será superada por tecnologia alguma. Poder tocar o papel, desfolhar cada página, colocar embaixo do braço e levar para onde for... Sem falar que a revista você pode guardar para sempre. Eu mesmo ainda tenho meus exemplares da Rap Brasil e guardo como se fossem tesouros. Imagino o dia em que meus filhos já souberem ler e eu puder mostrar para eles as revistas antigas e através delas ensinar a história do Rap Nacional.

“Rap é o som e tenho o dom, da imaginação Trilha Sonora e Facção, VPN Rap Nacional ponto com...”
- A Cultura, Sabotage

O sonho de lançar uma revista de Rap Nacional é antigo. Foram anos lutando para por esse projeto em prática. Qualquer ação relacionada ao rap é difícil de ser concretizada, porque muitas portas se fecham quando falamos em cultura da periferia. Mas o que eles não sabiam é que a cada porta que batiam na minha cara, me incentivavam ainda mais a lutar por aquilo que acredito.

A Revista Rap Nacional não é uma vitória pessoal, é a vitória de todo o movimento hip-hop. Eu plantei a semente, agora depende do envolvimento de todos para que a Revista possa ser lançada todos os meses. O custo para impressão é alto e mesmo assim estamos vendendo a revista por um preço bem acessível para que todos tenham acesso.

Palmas pro RAP, a lacuna foi preenchida, agora só depende de você para que possamos matar um leão por dia e brindar a próxima edição.

RAP
NACIONAL

Publicação:

Portal Rap Nacional
www.rapnacional.com.br

Tiragem:

10 mil exemplares

Diretor:

Willian Domingues
(Mandrake)

Jornalista Responsável:

Elaine Mafra
(Mtb 47.959)

Reportagens:

Cristiane Oliveira,
Elaine Mafra,
Jéssica Balbino
e Paula Farias.

Projeto Gráfico e Diagramação:

Willian Domingues
(Mandrake)

Foto da Capa:

Avelino Regicida

Departamento Comercial:

[47] 3347.7475
[47] 7811.3497 (Nextel)
[47] 8415.9477 (Oi)
[47] 9672.8061 (Tim)
92*199119 (ID Nextel)
revista@rapnacional.com.br

Acesse

rapnacional.com.br/revista

Compre sua revista
através do site. Enviamos
para todo o Brasil.

Twitter

twitter.com/RAPNACIONAL

RAP
NACIONAL
www.rapnacional.com.br

Lançamentos do Portal Rap Nacional

Neste espaço você encontra os últimos lançamentos em músicas, discos e vídeos do Portal Rap Nacional. Estes e outros conteúdos estão disponíveis no www.rapnacional.com.br.



O público aguardava ansioso para conferir a nova música de trabalho do Realidade Cruel. “É Nóis Memo Vagabundo” é uma das faixas do novo disco do grupo que vai se chamar “Liga Nóis” e será lançado nos próximos meses.

Esse som fala sobre questões sociais e discriminação, conteúdo típico das letras do Realidade Cruel. A novidade fica por conta da base e da levada, que dão ares de modernidade a este novo trabalho.



Subirusdoiztiozin



FOTOS DIVULGAÇÃO

Criolo demorou para lançar o primeiro videoclipe de sua carreira, mas quando lançou surpreendeu o público com um clipe diferente de tudo que já foi visto. Com roteiro que mescla curta-metragem com videoclipe, as cenas de “Subirusdoiztiozin” dão vida aos personagens cantados na música. Criolo já havia surpreendido ao lançar o disco “Nó na Orelha”, na qual “Subirusdoiztiozin” é uma das faixas. Neste álbum Criolo apresenta canções que fogem dos tradicionais raps do artista. A direção do vídeo foi feita por Tom Stringhini, da Cia de Cinema.

Casos e Fatos

“Casos e Fatos” é o mais novo videoclipe do grupo blumenauense Palavra Feminina. Neste trabalho Jana e Bela contam com a participação de Minella, do grupo Palavra de Honra, também de Blumenau/SC. O videoclipe foi idealizado por Jana, que junto com Tiago, do Manifesto, dirigiu as gravações. Para dar mais vida a letra da música, que fala sobre a decadência causada pelo crack, foram usadas cenas de reportagens tiradas da internet. O resultado é um clipe com ótima qualidade e muita emoção. Esse é o segundo trabalho de Jana na edição de vídeos. O clipe de estreia foi “Buscar o Amor”, do Palavra de Honra.

#NORTENORDESTEMEVESTE.

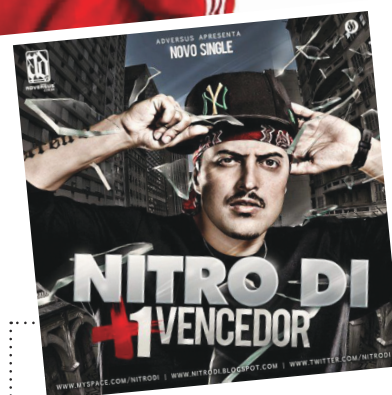
Este é o nome do videoclipe lançado pelo RAPentista Rapadura Xique Chico, com direção de Vras77, produção de Paula Azeviche e Renan Inquérito como assistente de produção.

A obra faz parte do documentário Cada Canto um Rap, Cada Rap um Canto, que demonstra como se dão as regionalidades brasileiras através do rap e por meio das diferentes características que esse tipo de música assume em cada região do país.



ÁRVORE DE BONS FRUTOS

Pregador Luo encanta as multidões por onde passa e isso pode ser visto no videoclipe da música “Árvore de Bons Frutos”, que apresenta imagens de vários shows do rapper. O clipe tem direção de Rodrigo Giannetto e Pregador Luo.



Quem pensou que ele iria parar, se enganou. O rapper Nitro Di acaba de lançar “+ 1 Vencedor”. Produzido por ele mesmo, o novo hit do rapper e DJ que representa Porto Alegre, foi mixado e masterizado por Guga Munhoz.

Salve Geral

Don Pixote, Dexter, Willian Magalhães e Devasto formam o time de peso do videoclipe “Salve Geral”. Este trabalho conta ainda com a participação de Primo Preto, que interpreta o personagem principal da história. A musicalidade de Willian Magalhães dá o ritmo ao clipe e conquista o público já nos primeiros versos: “Miro no horizonte, Asfalto traiçoeiro, Como atravessar se a luz se apagou...” O vídeo tem direção de Rodrigo Giannetto, da Real Filmes, e ótimo roteiro e fotografia. A música “Salve Geral” é uma das faixas do novo disco do Pixote.





“A fúria negra
ressuscitar outra
vez, Dexter na
fúria, chegando
pro arrebento...”

A volta do Oitavo Anjo: Dexter é Um Homem Livre

Por Dj Branco e Elaine Mafra

Depois de 13 anos exilado dentro do sistema carcerário, finalmente Marcos Omena, 37, ganha a liberdade plena. Antes de conquistar a liberdade definitiva, Dexter já estava no regime semi-aberto e, com autorização judicial, viajava para alguns estados para se apresentar. Foi durante a preparação para uma viagem que a notícia chegou por telefone, às 14h, do dia 20 de abril de 2011.

Assim que o avião que levou Dexter de São Paulo à Salvador pousou, ele encontrou Dj Branco, um dos mais importantes representantes do hip-hop baiano. Branco

foi uma das primeiras pessoas a saber da tão esperada notícia. “Pô irmão, tô feliz ao extremo. Acabei de ganhar a minha liberdade plena”, revelou Dexter ao cumprimentar o amigo.

A comemoração da liberdade começou imediatamente e naquela noite Dexter visitou o Sarau Bem Black, no Pelourinho, a convite do rapper GOG e por intermediação de Hamilton Borges e Dj Branco. Enquanto Dexter caminhava nas ruas do Pelourinho a caminho do evento já era possível ouvir a voz de Nelson Maka, organizador do Sarau, avisando: “Dexter está em Casa”.

Quando o Oitavo Anjo chegou ao Sarau a emoção foi grande. GOG foi até a entrada receber Dexter e o público foi ao delírio.

Dexter agora é um homem livre, mas jamais vai esquecer os anos que passou exilado e os irmãos que continuam do outro lado do muro. Por isso, no domingo de Páscoa, visitou três pavilhões do Complexo Penitenciário Lemos de Brito, onde palestrou, cantou e trocou ideia com os detentos. No mesmo dia, Dexter participou da final da 4ª Batalha de Break – Evolução Hip-Hop, onde entregou troféu e medalha para o campeão do evento.

A HISTÓRIA DE UM GUERREIRO

Os primeiros passos de Dexter no rap foram em 1991, no Tribunal Popular, que teve como padrinho o grupo Racionais MC's. Mas foi em 1999, já no 509-E que a carreira tomou proporções inimagináveis. O 509-E foi fundado ao lado do então companheiro de cela Afro-X, no Pavilhão 7, do Carandiru, em São Paulo/SP.

O primeiro disco da dupla foi “Provérbios 13”, que teve faixas assinadas por Mano Brown, Edi Rock, DJ Hum, MV Bill, e arranjos de Zé Gonzalez (Planet Hemp), Marquinhos e DJ Luciano. Afro-X ganhou a liberdade em 2002, antes do lançamento do segundo CD “Depois de Cristo”. Meses depois a dupla foi desfeita, mas o mito se manteve e o 509-E entrou para a história do rap nacional. Mesmo continuando dentro do presídio Dexter não desanimou de sua missão e em 2005 lançou seu primeiro disco solo “Exilado Sim, Preso Não”. Neste trabalho contou com participações especiais de Mano Brown, MV Bill, GOG, Função, Tina, Rinea Bv, Edi Rock, entre outros.

O público cumpriu a pena junto com Dexter, já que eram privados de assistir o show de um ídolo que eles tanto admiram. Mas desde abril o Oitavo Anjo vem percorrendo diversas cidades brasileiras para levar sua mensagem de perseverança, auto-estima e conscientização para milhares de pessoas. Dexter é um homem livre e a prova viva que o rap resgata, já que o sistema carcerário não é a solução que precisamos.



NINA FIDELES

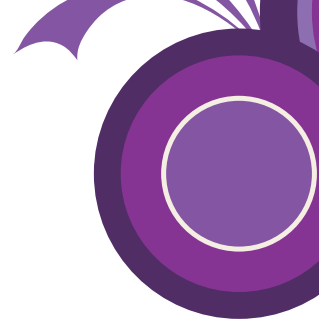


NINA FIDELES



CMA HIP-HOP

Desde que conquistou a liberdade o Oitavo Anjo vem percorrendo os estados brasileiros levando sua mensagem de perseverança.



GANGSTA PARADISE

a festa que entrou para a história

Por Paula Farias
Fotos Avelino Regicida



Sábado, (13) de agosto. Essa data ficará marcada na história do rap nacional como um dos eventos mais importantes que aconteceu. A festa Gangsta Paradise superou todas as expectativas do público.

O relógio marcava 21h e a fila em frente ao Green Express, em São Paulo/SP, já dobrava a esquina. Era uma legião de manos e minas do rap nacional, vindos das mais diversas regiões de São Paulo e do Brasil.

A imensa família do rap nacional espalhada pelo país se fez presente. Foram quatro caravanas: Curitiba/PR, Rio de Janeiro/RJ, Belo Horizonte/MG e Itu/SP, e ainda tiveram pessoas da Baixada Santista, Campinas e outras localidades do interior paulista.

Quando as portas da Green Express foram abertas e o público pode entrar na casa, bastaram alguns minutos para todos os espaços ficarem lotados.

A estrutura montada foi digna de um grande evento. Todos os detalhes foram pensados para oferecer o que há de melhor para o público do rap: som, luz, telão e palco. Destaque para o palco, montado em “L”, o que proporcionou maior contato entre os artistas e o público.

O primeiro grupo a se apresentar foi o Reação, logo em seguida Dentes do Rap agitou cantando as músicas do novo disco, “O Juiz + Justo é o Tempo”.



Depois foi a vez do Oitavo Anjo subir ao palco e encantar o público. “Sou Função” e “Como Vai Seu Mundo”, foram alguns dos sucessos cantados por Dexter.

O Gangsta Paradise foi dinâmico e os DJs R.M e Bola8 tocaram as melhores do rap nacional, provando que é possível fazer uma discotecagem nacional e deixar todos satisfeitos.

DBS e a Quadrilha demonstrou todo seu amor pelo rap ao subir no palco e

fazer o show, mesmo tendo feito uma cirurgia a poucos dias.

Depois foi o tsunami do rap nacional, Realidade Cruel, quem comandou a festa. Emocionado com o sucesso do evento, Douglas relembrou o começo do Realidade e as dificuldades enfrentadas. Karol, grávida de sete meses, enfrentou o calor e cantou com muito entusiasmo a música “O Resgate”, entre outras. O show do Realidade Cruel teve a participação WGI, do Consciência Humana. “Você é um

dos caras mais gangsta do rap nacional”, declarou DJ Bola 8 a WGI.

Logo após foi a vez do grupo Kartel D’ La Rua apresentar a música “A Voz que Ecoa”, uma das faixas mais comentadas da Mixtape “O Jogo”.

O público ainda aguardava ansioso a apresentação de Eduardo e Dum Dum e começou a ecoar: - “UH FACÇÃO”, “UH FACÇÃO” ... Finalmente o grupo subiu ao palco e o espetáculo do circo dos horrores foi montado.



FOTO MARCIO SALATA

Rap Nacional continua vivo...

O Gangsta Paradise foi um sucesso. A organização do evento realizou uma linda festa, com muita eficiência e qualidade.

O sucesso deste evento demonstra a diferença que existe quando a festa é administrada por quem realmente faz parte do rap nacional. O show teve um grande público, entre manos e minas, pessoas com necessidades especiais, todos se respeitaram, curtiram a festa na paz. O rap nacional mais uma vez deu um exemplo de cidadania e respeito.

Esse é o rap gangsta que permanece vivo como o próprio Douglas mencionou “O nosso rap vem fazendo a diferença na sociedade, depois que começamos a cantar, a fazer denúncias nas letras de rap, muitas coisas melhoraram, porque colocamos o dedo na ferida”.

“Se hoje tem espaço para alguns MCS falarem de amor e de outros temas, é porque antes tiveram grupos com coragem para falar da dor”, concluiu o líder do Realidade Cruel.

A periferia não pode se iludir, porque a realidade das ruas ainda é difícil e a justiça social não será concedida pelo opressor, mas sim conquistada pelo oprimido através de muita luta.

Gangsta Paradise provou que o rap nacional continua muito forte e tem o poder de mover multidões.

Cliques do RAP

Gangsta Paradise



FOTOS DIVULGAÇÃO

NOVIDADES NO CENÁRIO RAP



Grupo



CÓDIGO DO MORRO



Contatos P/ Shows

(019) 9394 9954

(019) 9189 6827

edson@codigodomorro.com.br

www.codigodomorro.com.br

Código do Morro Prepara Lançamento de Seu CD

"Entre a Paz e a Guerra"

Já para Dezembro deste Ano!

2011

Em Breve: www.CODIGODOMORRO.com.br + Vídeo Clipe

*Arte Desenvolvida por: MegaEstilo.com.br - (19) 7816-9906 / 8202-6727 (Kazama)

FC g.a.n.g comemora 10 anos de Graffiti

As conquistas, dificuldades e glórias desta crew paulistana de graffiti, que optou pela arte urbana

Por Cristiane Oliveira

Sábado, dia chuvoso em São Paulo, algumas latas na mochila, partimos para a o Projeto Criança Esperança na Brasilândia, para mim tudo é novidade, a coletividade dos graffiteiros, os primeiros traços que começam a ganhar vida no muro, e o respeito entre as crews.

Para contar a história da crew de graffiti FC G.A.N.G., passei um dia ao lado do graffiteiro Guetus, um dos integrantes da FC, conhecendo de perto a proposta, as emoções e as dificuldades

enfrentadas pelo graffiti.

A História

Fundada em 2001 a Crew de graffiti FC G.A.N.G. comemora 10 anos de muita resistência e doses extremadas de rua. A sigla FC G.A.N.G. significa Fuck City Graffiti Arte Natural do Gueto, referindo-se a cidade fudida, revelando situações cotidianas nas cidades brasileiras como fome, violência, ignorância, descaso do poder público, drogas, situações que não são aceitas pela FC e que ganham traços coloridos expressados com muito spray





pelas ruas onde passam.

Os escritores de graffiti Dingos e Dem2 foram os membros fundadores da FC G.A.N.G. e hoje 30 membros de diferentes regiões do país e do mundo compõem a crew, eles estão principalmente em São Paulo, mas existem integrantes no Rio de Janeiro e Bahia, fora do país a FC encontra-se na Argentina e no Chile.

A Ideologia

Mais que lançar tintas nas ruas, a FC tem o intuito de discutir problemas sociais, “questionamos políticas públicas para a juventude periférica, acreditamos nos jovens, eles são o futuro de nosso país, mas precisam receber uma atenção especial”, acredita Dingos.

A multiplicação de conhecimento e o acesso a cultura é para a FC o caminho para a conquista dos sonhos de um Brasil mais justo, com menos intolerância e mais oportunidades de conquistas. “Como já disse Mc Marechal, é um só caminho, é importante que lutemos pelos nossos bairros, pelas nossas cidades, sem perder a humildade e o respeito ao próximo, além de ajudar na formação de grafiteiros, queremos formar cidadãos dignos que vão a luta e não aceitam o que é imposto”, comenta Dingos.

A migração da FC para outros estados e países permitiu uma maior abrangência de alcance dos ideais da crew, como um *fat cap* pulverizando as ideias e propostas para o máximo de pessoas possíveis.

FOTOS DIVULGAÇÃO/ DESENHOS FABIO TORRES





As ruas e o hip-hop

É latente o desejo da FC de que os graffitis nunca saiam das ruas, considerada por eles o habitat natural de suas obras. A participação em galerias e demais espaços é vista com bons olhos, mas para eles toda tinta que sai das ruas deixa de ser graffiti e passa a ser outra arte que se utiliza dos elementos da rua, mas que se apropria de outras vertentes quando ganha outras plataformas. “O grafitti é o elemento que fica 24 horas, dias meses e anos nas ruas. É o elemento do hip-hop que mais vemos nas ruas, lutamos para nunca perder essa essência”, afirma Dingos.

Uma maior atuação em conjunto dos quatro elementos do hip-hop é um anseio da FC, são raros os eventos que apresentam todos os elementos da cultura de uma maneira igualitária. Esta falta de união faz com que o leigo intitule de hip-hop somente o rap e o break, deixando de fora dois essenciais eixos que são o graffiti e a discotecagem. A FC acredita que se os elementos do hip-hop estivessem totalmente unidos conseguiriam alcançar mais resultados positivos e impactantes nas ações, projetos e eventos.





O Graffiti ao longo do tempo

Hoje boa parte das pessoas conseguem saber a diferença do graffiti e da pichação, quando a crew surgiu era comum os artistas de rua receberem o rótulo de vândalos. Mais que criticar a pichação a FC procura entender o porquê desta prática. “Não trabalhamos contra pichação, respeitamos, e como dizia o nosso amigo DI que no ano de 1997 foi assassinato, pichar é humano”, comenta Dingos.

A FC costuma integrar graffiti e pichação, não vêem problemas, não tarjam quem faz este tipo de escrita. Para eles vale mais respeitar e entender que a pichação pode ser considerada uma arma de protesto.

Na atualidade, com a profissionalização do graffiti, a FC se preocupa com ações que venham acrescentar para a cultura de maneira geral. A concepção e percepção diferenciada do trabalho artístico de cada integrante da crew, faz parte do processo de evolução coletiva do graffiti, hoje a FC entende-se como um grupo que pode contribuir com a valorização humana das pessoas que cruzam os seus caminhos.

Você pode conhecer um pouco mais da FC G.A.N.G. no seguinte endereço:

<http://www.myspace.com/fuckcitygang>



Um Brinde: a campanha a favor

Videoclipe do grupo Inquérito se torna campanha contra alcoolismo em todo Brasil e em outros cinco países



“**E**nquanto você assiste a esse vídeo, 14 pessoas morrem, no mundo, vítimas de problemas ligados ao álcool”. Esta é uma das muitas estatísticas que aparecem no videoclipe *Um Brinde*, do grupo Inquérito e foi, justamente, pensando nisso que o grupo lançou neste ano o projeto *Um Brinde* e, o que seria apenas um material audiovisual transformou a missão do grupo, literalmente, em *Mudança* – título do terceiro álbum – e deixou de ser apenas entretenimento, transformando-se numa campanha mundial contra o alcoolismo.

“O *Um Brinde* tem a cara do Inquérito. É contundente e desafiador. Um soco na cara da mesmice, do medo de falar de assuntos polêmicos, afinal, todo mundo fala mal da polícia, dos políticos, das drogas, mas poucos assumiram uma postura declarada contra as bebidas alcoólicas, até porque a maioria bebe. O álcool é a primeira peça do efeito dominó que atinge

as periferias do Brasil e é o desencadeador de problemas familiares, violência, uso de drogas e acidentes”, dispara o líder e MC do grupo, Renan Inquérito.

E é justamente essa postura que levou o grupo a uma dimensão na imaginada. O videoclipe, que tem roteiro e direção de Vras77 foi inserido na campanha *Um Brinde* a partir de uma ideia da jornalista Jéssica Balbino, que casou as datas de lançamento com a Semana Nacional de Combate ao Alcoolismo, fazendo com que o vídeo percorresse, numa única semana, mais de 170 pontos de exibição em todo Brasil e cinco em outros países como Portugal, Cuba, Guiné Bissau, EUA e Inglaterra.

No entanto, a *Mudança* não para por aí. No último mês, o grupo realizou exposições durante a Semana da Juventude, na cidade de Canoas/RS, completando uma série de ações que incluem o projeto/campanha.

da Mudança



Em agosto, o vídeo foi premiado no festival nacional de cinema, o Curtamazônia, na cidade de Porto Velho/RO, além de ter sido exibido na Assembleia Legislativa de São Paulo e na Câmara dos Deputados em Brasília/DF, durante a Comissão Especial sobre as Causas e Consequências do Consumo Abusivo de Bebida Alcoólica.

Além disso, o grupo já esteve presente em várias cidades e estados, fazendo exposições e palestras sobre a campanha, passando pelo Paraná, Rio Grande do Sul, Sudeste e Norte do Brasil.

O objetivo é atingido quando o grupo se depara com declarações como a da supervisora de comunicação Vívian Bárbara Camargo, 30 anos, que acompanhou toda divulgação da campanha pelo twitter e se sensibiliza, por já ter perdido pessoas importantes. “Agradeço, de coração, ao grupo Inquérito. Só eu sei o quanto campanhas como esta são importantes”, destaca.

Na parte audiovisual o clipe também tem agradado e chegou a final do concurso internacional Caixa de Clips, juntamente com outro clipe do grupo, o Mister M, também dirigido por Vras77.

A música Um Brinde também já foi usada num curta metragem produzido por estudantes de uma escola estadual de Ilhéus, na Bahia. O filme 2 lados da Moeda 2: sem país das maravilhas foi, inclusive, premiado

pela trilha sonora no Festival Baiano de Cinema.

E as premiações e referências ao clipe, a música e ao projeto não se encerram por aí, durante as gravações, feitas em Nova Odessa, Santa Bárbara D’Oeste e Campinas, o fotógrafo Márcio Salata acompanhou o processo e um de seus cliques lhe rendeu uma menção honrosa no 2º Prêmio Top Etanol.

No entanto, na contramão das premiações, a principal conquista, na ótica do grupo Inquérito, foi o diálogo estabelecido com o povo e o poder público. “Realizamos ações em conjunto com secretarias de saúde, trânsito e educação, oficinas nas Fundações Casa e em escolas. Um Brinde não ficou restrito as ondas do rádio, nos levou até os lugares, nos possibilitou trocar ideias frente a frente com todos os tipos de pessoas, como políticos, educadores, autoridades, alunos, gente simples. Tudo isso sem palco, sem distância. Falávamos e depois éramos questionados também, ou seja, houve um diálogo, coisa que o show muitas vezes não possibilita. Estamos muito contentes com o resultado da campanha”, finaliza Renan Inquérito.



FOTO JURSSA



FOTOS CRISTINA SININHO SÁ E DIVULGAÇÃO

De salto alto:

mulheres conquistam a cena do hip-hop

Por Jéssica Balbino

Salto alto, vestido e maquiagem. Voz afinada, flow, suingue e muita disposição para militar. Assim podem ser descritas as mulheres que tomam a cena do hip-hop no Brasil.

Negras, loiras, orientais, elas tomam conta do movimento, desde o início, e organizam-se não apenas em raps bem escritos e cantados, mas em frentes nacionais de luta e combate contra o preconceito e a violência.

Ao abandonar as calças big largas, as camisetas que escondiam o corpo e os bonés masculinizados, elas ganharam não apenas voz, mas força. A feminilidade é destacada pela suavidade da voz em canções desafiadoras.

Aos 42 anos, a produtora cultural Sharylaine Sil traz na bagagem a responsabilidade de ter sido a primeira mulher a fazer registro fonográfico de rap no país, além de ter pertencido a uma das primeiras equipes de break, na época da São Bento. Hoje, integra a diretoria da Frente Nacional de Mulheres no Hip-Hop (FNMH²) e transmite o estilo e a firmeza do movimento

através de debates e trabalhos musicais. Questionada sobre o que foi conquistado e o que ainda precisa ser mudado, ela diz que a visão machista foi quebrada, mas rebate a questão da união. “Estamos organizadas e isto, por todas as dificuldades que muitas de nós já sofreram e ainda sofrem, é a maior conquista. Temos tido muitas pequenas que considero grandes conquistas. Aos poucos chegaremos lá”, frisa.

Quem fala mais do conceito é Lunna, 31 anos, MC do grupo Livre Ameaça e diretora geral da FNMH², fundada em 2010 e que hoje atua em 15 Estados brasileiros, com a pretensão de ser expandida a outros países. Voz não apenas nos microfones, Lunna é uma eterna defensora da causa feminina e encontra no hip-hop a ferramenta para militar. “A FNMH² está conquistando espaços onde poucas mulheres conseguem atuar. Realizamos eventos com encontros, apresentações artísticas, debates, tudo ligado as mulheres e ainda em locais periféricos, onde se faz necessário levar a cultura”, diz.

Ponto para ela quando surgem pessoas como Mariáh Médici, 24 anos. Sergipana, ela prepara ainda para este ano o lançamento da FNMH²

em Aracaju, onde deve unir manifestações artísticas, música, literatura e as causas de gênero. “Sou militante do que merece e precisa de força. Defendo sim o ‘sexo frágil’ onde estou incluída. Sempre fui feminista, ciente dos meus valores, direitos e deveres e através do hip-hop consigo expor isso com causa e efeito”, pontua.

Num movimento semelhante está a MC Rubia Fraga, 42 anos, também conhecida como Rubia RPW, por integrar, há 20 anos – completados em 2011 – o grupo de rap de mesmo nome e ter desafiado a cena também num tempo em que foi uma das primeiras a segurar um microfone e cantar com homens o chamado rap bate-cabeça. Ela integra, além da FNMH², o coletivo Hip-Hop Mulher, que desenvolve no Estado de São Paulo ações mensais de inclusão das mulheres através da cultura dos cinco elementos.

“Quando comecei a cantar era raro ver mulher rimando e, realmente, o que mudou nem foi a postura dos manos, e sim a postura das mulheres. Com o tempo, elas aprenderam a se firmar, se impor e exibir seus direitos dentro da cultura”, declara.



Branças, mulheres, rimadoras

Inspiradas pela que foi considerada a Rainha do Rap, Dina Di (falecida em 2010), muitas garotas, como Livia Cruz, 26 anos, apostam na carreira musical, mesmo tendo que driblar, além do machismo predominante no movimento, composto, em sua maioria, por homens, o fato de serem brancas, numa cultura onde a pele negra ainda representa a maioria. “Se eu disser que sou bem aceita e nunca fui tratada com preconceito, eu estarei mentindo.

Mas sobre o fato de ser mulher, a gente acaba tirando de letra, porque con-

vivemos com machismo desde criança, já entendemos os limites que essa questão nos impõe e depois entendemos que com postura e jogo de cintura a gente consegue combater aqueles que colocam barreiras. Quanto a questão racial, eu já vim blindada, porque é natural que pessoas que tenham sofrido violência e discriminação revidem isso de alguma forma, então eu respeito. Se eu disser também que nunca me irritei com comentários racistas a meu respeito, também estarei mentindo, mas minha postura sempre surpreendeu aqueles que me subestimaram. Meu rap sempre superou essa questão”, conta.



FOTO DAGRUTA



FOTOS LUCIANA FARIA E DIVULGAÇÃO



“Medo de falar? Não ! Medo de se impor? Não !” Loira, olhos claros, nova no rap e com este refrão em sua música de trabalho DeDeus MC, 26 anos, também dribla o preconceito racial e busca o próprio destino, longe do machismo e preconceito. “Acredito que venho para mostrar que esta questão racial de ser separatista precisa ficar no passado. Essa é uma das minhas missões dentro do rap. Não acredito que eu vá conseguir mudar a cabeça de todas as pessoas, mas sei que farei a minha parte”, promete.

Assim, loiras, com videoclipes recém-lançados e com trabalhos que incluem equipes majoritariamente femininas, Livia Cruz e DeDeus MC tentam passar sua mensagem. Para Livia, o principal recado do seu rap é a independência. “Quero dizer que temos que ser protagonistas das nossas vidas, donas dos nossos destinos”, frisa. Já DeDeus espera espalhar sua luz por onde passar. “Seja em um som para pessoas refletirem, seja em outro para elas se divertirem ou até mesmo para namorarem. Poder sempre passar adiante as mensagens que estão no meu destino”, pontua.

Por este caminho segue também Mariáh, a sergipana da pele branca, MC da banca La Femina, que acredita num caminho de mudança. “Creio que a independência seja a principal conquista que estamos vivendo. Ainda é muito difícil segurar com dignidade, mas parece que somos movidas a desafios. A mudança começa em cada uma, com atitudes coerentes, que conseguimos mudar em nosso meio. Somos exemplo e é isso que cada mulher tem que fazer. Se tornar um bom exemplo. É um orgulho nos mantermos firmes”, finaliza Mariáh.

VOZ SEM MEDO

VISITE NOSSO SITE:

www.vozsemmedo.com.br

JÁ NAS LOJAS! O NOVO CD!

APOIO:
SUBSOLO
0xx11 3223-0867



PROÍBIDO PARA
MENORES

Já está nas lojas o novo trabalho
do grupo **VOZ SEM MEDO**, um dos mais conceituados do Brasil!

Com participações de Realidade Cruel, Atitude Feminina, Provérbio "X", 3 UM SÓ,
Comunicação Racial, Sobreviventes de Rua, Fernanda Black, Wlad Borges e Geordan Black.

A produção do disco contou com um time dos renomados produtores:

Dj RAFFA, GIBE, e DUCK JAY.

Garanta Já o Seu!



ADQUIRA TAMBÉM NOSSOS PRIMEIROS DISCOS:



DISTRIBUIÇÃO

Marola
DISCOS

DISTRIBUIMOS PARA TODO O BRASIL!
FONE: 61-3224-3599

Recorde

FOTO FELIPE MIRANDA



Floripa MC's lança disco com 42 músicas e sete videoclipes em seis meses

Por Elaine Mafra

As músicas do Floripa MC's já conquistaram o Brasil e estão sendo tocadas em dezenas de rádios por todo o país. Algumas faixas do disco "Bang do Cash Jogadores" também se tornaram hits nas baladas e fazem parte da play list dos melhores DJs. Mas o sucesso para o grupo não chegou por acaso, foram anos de dedicação e muito empenho para agora em 2011 colherem os resultados.

O primeiro disco do Floripa MC's foi o "Renascido do Rap". Este trabalho representa a mudança de vida e as novas perspectivas que a música oferece aos jovens. "Às vezes é preciso errar para descobrir que outros caminhos são possíveis.", comenta BB Gigante, fundador do Floripa MC's. O álbum foi lançado com 12 faixas e vendeu mais de duas mil cópias.

"Bang do Cash Jogadores" é o segundo CD do grupo e foi lançado em abril deste ano. O álbum tem 42 músicas e mais duas faixas bônus. Os temas abordados nas letras são muito variados, em "Bang do Cash Jogadores" encontramos músicas que falam de amor, sedução, periferia, família, inclusão digital e muito mais.

O Floripa MC's se preocupa muito com o tipo de mensagem que vai passar para a molecada. "Precisei fazer um disco com 44 músicas porque tenho muita coisa para falar. Eu respiro rap 24 horas por dia e sempre estou pensando numa música nova. É quase um vício", revela BB Gigante.

Nos últimos meses o grupo tem se dedicado também a gravação de videoclipes. Foram sete até agora e o objetivo é transformar em vídeo muitas outras músicas do disco "Bang do Cash Jo-

gadores". Os vídeos foram dirigidos e editados pelo experiente cineasta Vras77, de São Paulo, que já dirigiu videoclipes do Inquérito, Ao Cubo, Rapadura, Afro-X, entre outros.

E o Floripa MC's já se prepara para em breve lançar o terceiro disco da carreira. "Estamos em estúdio e diversas músicas já estão finalizadas. A ideia é que até o final do ano o disco já esteja nas ruas", avisa DJ Vinil. Duas músicas que farão parte do próximo disco já estão sendo apresentadas nos shows.

Quem curte o som do Floripa MC's e quer saber mais sobre a história do grupo, assistir os videoclipes, baixar as músicas ou conferir a agenda, pode acessar o site www.floripamcs.com.br. Neste endereço também é possível mandar um salve para os integrantes do grupo através do formulário de contato.



**FLORIPA
MC'S**



LANÇAMENTO DO NOVO CD

"BANG DO CA\$H JOGADORES"



42 MÚSICAS,
42 PRAIAS, FAVELAS
E MUITO AMOR!!!

WWW.FLORIPAMCS.COM.BR

48 9645.2636 - 47 3347-7475 - 92*199119 - CONTATO@FLORIPAMCS.COM.BR

RELA



TRAIS UNS GUÉRI
PÁ MIM.

SIMPLESMENTE SOMOS ,
O MISTÉRIO.
QUE FAZ ZÉ POVO CHORA.
ENTÃO ,CHAMA O GARÇON.
QUE AVERMELHO
TO COM SAUDADES DE VOCÊ.

CAIO



TUDO OU MAIS
FOTO_ESTÚDIO

ENCARTE_FLYER_CARTAZ_BANNER_LOGOTIPO_FOTOGRAFIA EM GERAL

8817-0736



Eduardo: um líder da periferia

Texto Elaine Mafra | Entrevista Cristiane Oliveira e Mandrake | Fotos Avelino Regicida

Eduardo é um líder revolucionário dos tempos modernos. Por onde passa arrasta uma multidão sedenta para ouvir suas ideias. Contundente em suas opiniões, não economiza palavras para descrever todo o asco que sente com a discrepância na divisão de renda da sociedade brasileira. Depois de lançar sete discos com o Facção Central, Eduardo se prepara para armar seus seguidores com outra munição, tão letal quanto suas letras de rap.

A nova munição de Eduardo é um livro que trata sobre diversos temas ligados as condições sociais do Brasil. Há alguns anos o rapper dedica parte de seus dias para escrever este trabalho. Se antes o público que acompanha Eduardo já se surpreendia com a diversidade de argumentos utilizados nas letras de rap, agora vai ter ainda mais conteúdo para suprir as lacunas deixadas pela educação deficiente que é oferecida nas escolas.

Eduardo nasceu e foi criado no Grajaú, Zona Sul de São Paulo/SP e estudou apenas até a 5ª série. Quando começou a escrever letras de rap, sentiu necessidade de ampliar seu conhecimento para poder transformar sua indignação em rima. Eduardo construiu sua formação intelectual através dos livros e então surgiu o desafio dele mesmo escrever um livro e incentivar seu povo à leitura.

O livro de Eduardo é uma obra muito esperada pelo público do hip-hop brasileiro e será leitura obrigatória para todo morador de periferia que quiser compreender como opressor age para manter o povo em condições sub-humanas. A Revista Rap Nacional traz com exclusividade um trecho deste novo trabalho de Eduardo e também uma entrevista com o rapper e autor.

Trecho extraído do capítulo: Pena Capital.

É obsceno e uma covardia sem tamanho, jogar nos ombros de crianças desassistidas o ônus do fracasso dos gestores do país. Os inimigos do Brasil não estão nas contenções das madrugadas frias segurando sacolas de supermercados repletas de eppendorfs. Não somos a vergonha e a latrina da América Latina, porque crianças sem infância, que na maioria das vezes tiveram os pais mortos ou presos, passaram a vender as substâncias entorpecentes que os boyzinhos gostam de consumir nos banheiros das universidades ou em suas baladas marítimas. Esses meninos e meninas, os quais, receberam do descaso da sociedade e do poder público uma AK 47 não desfalcam os cofres da União; não aprovam obras faraônicas sem licitações com o propósito de reembolsar financiadores de campanhas eleitorais fraudulentas; não desviam as verbas que deveriam ser destinadas à construção e o melhoramento de hospitais, creches, escolas, bibliotecas, frentes de trabalho; não aceitam sediar grandes eventos esportivos para usá-los como balcões de negócios de grupos dominantes; não injetam os recursos obtidos com

a cobrança abusiva de impostos em obras particulares de clubes de futebol, muito menos, legislam as leis que favorecem os monstros que enriquecem enquanto as pessoas sem expressividade e importância política definham nas pocilgas dos SUS, em filas de espera por aposentadorias, em empregos informais, em depósitos prisionais de seres humanos, nos colchões fétidos de albergues ou no relento patrocinado pelo déficit de moradias... Em síntese, não são os que gritam: vai do preto ou do branco, com o intuito de comprarem um X salada na lanchonete, um cd de rap ou no máximo uma Honda Biz, que geram a concentração de renda, terras e oportunidades, que configura como a pedra fundamental da ruína brasileira. Os que descarregam armas de uso restrito do exército, vendidas pelos cidadãos acima de qualquer suspeita, não tem nenhuma responsabilidade sobre a Guerra Não Declarada nacional. Sem sombra de dúvidas, os objetos do empenho assassino dos barões da política, das forças armadas, da polícia, dos órgãos de comunicação, dos abastados racistas e preconceituosos e dos emburrecidos pela

A man with a mustache, wearing a black beanie and a black jacket, is shown in profile, looking down and writing in a spiral-bound notebook with a black pen. The notebook has some handwritten text on it. The background is a textured, brownish surface with decorative circular patterns in the top left corner. The man's jacket has the word "Umdasut" written on it in a white script font.

onda contagiante de asneiras, são as vítimas do sistema. Os que aparecem nos telejornais sensacionalistas sendo forçados a olharem para as câmeras das emissoras de televisão não seriam capazes de assinar autorizações para a eliminação sistemática das famílias empurradas para os pontos geográficos desvalorizados. Os prisioneiros que são colocados em frente aos holofotes, não dispõem se quer, de condições estruturais para obterem somas vultosas com a desordem, o desregramento e as carnificinas diárias. Vivo no submundo desde o dia em que eu nasci, e nunca conheci alguém que se tornou milionário fazendo uso de fuzis. Já vi um ou outro que deu um estouro mediano, suficiente para comprar uma casa ou um carro e gastou tudo com advogados ou com o seu próprio funeral. Igualmente ao playboy, também sou taxativo: Se alguém deve morrer, para que a criminalidade diminua e a discrepância abismal entre ricos e pobres seja atenuada, esse alguém não mora nas ruas de terra dos bairros esquecidos. Se matar culpados é a saída para a reversão do repugnante quadro social brasileiro, os que deveriam lotar as gavetas frigoríficas dos necrotérios são os que habitam o topo da pirâmide. Eles são o grande mal! Eles são os verdadeiros inimigos do país. A condição inaceitável de terceiro mundo para uma das maiores economias do planeta é obra exclusiva dos opressores genocidas. É duro ver as crianças, que para exercerem o direito ao lazer

brincam nas margens de córregos com água contaminada ou invadem playgrounds de escolas públicas, cumprindo sentenças condenatórias irrecorríveis no lugar dos bandidos autênticos. Esse, é um outro ponto que merece destaque: Até mesmo nas culturas mais primitivas, normalmente, os condenados mandados para as forcas eram culpados legítimos. Os hipócritas ao reivindicarem a pena de morte oficial, como antídoto para a redução das taxas de violência, bem mais do que dar vasão aos seus instintos psicóticos, procuram isentar a sua extirpe com a venda da inversão de valores. Durante o tempo, em que o coletivo popular acreditar que o cancro da terra da alegria é a favela e não a ação do burguês favelizador, as empresas dos neo-escravocratas operarão no azul.



Porque você resolveu lançar um livro desta vez ao invés de outro disco?

Sempre que eu terminava uma obra ficava com uma sensação de trabalho incompleto, sentia que havia alguns temas que eu deveria ter abordado e, no entanto por falta de espaço no CD era forçado a deixar pro próximo trabalho musical. Resultado: sobravam na gaveta vários argumentos, dados, pontos de vista que seria interessante terem chegado ao conhecimento do público. Outra coisa, em certos lugares do Brasil as músicas sofrem uma grande defasagem de tempo em relação à São Paulo. Os trabalhos lançados em SP demoram em alguns casos, mesmo na era da internet, até meses pra chegarem nas quebradas mais distantes do país. Por exemplo, quando o Facção lançou o Espetáculo do Circo dos Horrores, era normal a gente colar pra fazer shows em cidades que as pessoas ainda nem conheciam todas as músicas do Direto do Campo de Extermínio. Dessa forma, percebi a necessidade de um tempo mais extenso de intervalo entre uma obra e outra pra que todos os manos pudessem conhecer a fundo cada trabalho. Em minha opinião, devido a perseguição ao meu estilo musical, a fatores geográficos e financeiros, um ano ou dois, é um período muito curto pra que um álbum duplo seja completamente digerido por todos flagelados da nação. Não podemos esquecer que as minhas músicas não tocam em rádios convencionais, não estão na Mix TV, na MTV, eu não me apresento no Faustão e, que nem todos têm acesso à informática. Em muitos municípios é quase impossível encontrar uma lan house. E mesmo quando existem tais estabelecimentos, boa parte dos que me ouvem não dispõem da quantia cobrada para a navegação. Fora esses dois motivos,

eu sempre tive uma preocupação muito grande em relação a quantidade de informação que a nossa gente absorve. O brasileiro, por consequência das maquinações políticas que desembocam na falta de incentivo cultural, pessoal e profissional é um dos povos que menos lê no planeta. Humildemente, como um formador de opinião e sabedor da importância dessa ferramenta me vi no dever de interferir positivamente nessa questão. Já que muitos vêem em mim um exemplo, resolvi usar o respeito da favela dispensado à minha pessoa pra além de levar palavras de conforto e reflexão através do rap também estimular a leitura. Pra isso nada melhor do que eu mesmo escrever um livro. Aceitei meu próprio desafio de me juntar à algumas mentes pensantes da literatura marginalizada e inaugurar mais um mecanismo dentro da minha caminhada pra fortalecer a busca dos verdadeiros por reparação cultural, social, monetária e histórica. A história do Brasil, passado e presente, não pode ser contada apenas pelos opressores. Quero contribuir pra derrubada de alguns mitos trazendo à tona a versão autêntica de um favelado sobre os acontecimentos. Muitas vezes os parceiros da periferia não lêem porque não se identificam com os escritores ou com os temas que eles abordam. O fato de 99% dos escritores serem de outro nível social faz com que as suas explanações sobre a vida abaixo da linha da indigência sejam verdadeiras aberrações. São raros os escritores que não respiram a atmosfera dos campos de concentração capazes de interpretar a nossa realidade com propriedade. Sou convicto que as músicas, filmes ou livros referentes a favela devem ser feitos por pessoas que falam a língua dos favelados. Por pessoas seque-ladas pelos mesmos dramas. Cabe a

nós falar de nós. Cabe a nós descrever as agruras causticantes das ruas minadas das classes D e E. Era mais do que obrigação de um homem que deve sua formação pessoal e intelectual aos livros tentar abrir as portas desse mundo maravilhoso para os que lhe deram tanto. A revolução que aconteceu comigo tem que ser extensiva aos milhares de escravizados aprisionados nos bolsões de miséria.

2 Do que fala seu livro? Qual o título e previsão de lançamento?

Meu livro é um ensaio, ou seja, é uma narrativa em primeira pessoa a respeito das crises humanitárias pré-fabricadas pela burguesia que visam à dizimação e a subserviência de nosso povo. É uma abordagem abrangente e minuciosa sobre todos os males que nos afetam, paralisam as iniciativas populares por melhorias, alienam os menos cultos, afloram a desunião e deflagram a guerra que assola cotidianamente as famílias carentes. Minha intenção é provar por A mais B, que não estamos em paz; não estamos caminhando rumo a paz, e dentro da engrenagem corrompida, viciada e beligerante a qual estamos inseridos jamais chegaremos perto dela. Minha intenção é provar por A mais B que a tradução fiel do tão comemorado e propagandeado “Estado Democrático de Direito” é: temporada infinita de missas de sétimo dia no lado sombrio e desestruturado do Apartheid. Fiz um retrato detalhado do Brasil hipócrita que segrega por classes e etnias; que concentra renda e oportunidades; que elimina vítimas do Estado para não ferir as retinas de adeptos do turismo sexual infantil; que não respeita a liberdade individual e os direitos básicos dos cidadãos; que transforma despossuídos em meros e inanimados telespectadores,

eleitores e consumidores; que sustenta os maiores índices globais de mortalidade, prostituição e drogatização de crianças e jovens pobres; que converte silenciados sem poder de voto e veto, em amontoados de carne sem valor destinada a superlotar o sistema carcerário, os barracos de madeira e as covas dos setores de indigentes dos cemitérios. Enfim, procurei esmiuçar ao máximo o lado putrefato, maquiavélico e torpe do país pacífico mais violento do mundo. Joguei no ventilador toda a merda que enxergo nessa latrina chamada Brasil. Pontuei todas as formas macabras usadas pelos ricos e seus fantoches do governo para nos dilacerar. Espero que depois de lerem a minha obra, as pessoas negligenciadas nos guetos brasileiros, substituam a imagem artificial de “terra da alegria” vendida pelos terroristas da Rede Globo e similares pela feição real e tirânica de nossa pátria exportadora de crianças para prostíbulos. Basicamente o meu livro apresentará todas as facetas diabólicas do Brasil que o assistencialismo esmola nos faz engolir dando risada. Do Brasil, onde o topo da pirâmide (os boys parasitas) não se constrange em manter quase 30 milhões de subnutridos; de matar seres humanos na primeira infância por inanição, por doenças erradicadas há séculos ou com balas perdidas. Do Brasil que lava os cérebros dos menos favorecidos pra que eles acreditem em ascensão social e democracia, mesmo estando em barracos em áreas de risco, infestados de ratos ou estando em capelas velando entes queridos desossados por consequência do letal ódio de classes dos abastados. Posso adiantar à todos, que nenhum culpado por nosso quadro inumano de subsis-

tência foi poupado. Todos os nomes foram dados aos bois. Todos os assassinos sociais responsáveis por reproduzir diariamente nos becos e vielas um plágio do genocídio em Ruanda foram expostos sem dó para que recebam o cabido julgamento moral por parte da favela. No decorrer dos diversos capítulos o leitor notará a minha intenção de acordar os irmãos de martírio, que ainda dormem no sono profundo da robotização em massa. Quero tirar os aprisionados nos Gulags nacionais que estão em transe, da hipnose que os impede de se impor e participar das decisões políticas que atuam diretamente em nossas vidas. Me sentirei realizado se através dos meus escritos conseguir fazê-los conhecer parte das verdades inconvenientes. Conseguir fazer com que entendam que nos gabinetes políticos não se elaboram projetos sociais, se faz negócios. Que a função do mundo corporativista não é gerar empregos, é gerar novas plantações de café para novos cativos.

Que a organização da sociedade é feita sob os moldes da senzala e casa grande e dos guetos judeus, playboys nas áreas supervalorizadas e famintos nos barrancos íngremes das periferias. Que a pacificação feita com metralhadoras é a guerra entre ricos e pobres denominada por outro nome. Que as leis foram criadas pra garantir a desigualdade, a injustiça e o extermínio dos que se opõem aos poderosos. Que dentro da engrenagem operada pelos bacanas, nós os favelados, nunca vamos nos desenvolver. Vamos servir eternamente de massa de manobra dos endinheirados. Me sentirei realizado se cada sofredor que ler meu livro entender que viver em paz não é permanecer em silêncio e longe das garantias fundamentais previstas na Constituição Federal. Em relação ao título ficarei na dívida porque ainda está em aberto. Quanto a data de lançamento, estou fazendo o possível para terminar no final do ano e colocá-lo na rua nos primeiros meses de 2012.

3 Qual o público que você pretende atingir com este livro?

Sem dúvida nenhuma a favela.

Tudo o que eu faço, seja música, livro ou porventura um filme, é pela favela. Os boys já têm os seus escritores, cantores, atores e etc. Nós, os marginalizados é que não temos nenhuma representatividade em nenhum setor a não ser nas páginas policiais e nos números de estatísticas sobre pobreza e violência.

Digo mais, não só o alvo é a favela, como





também em todo o processo que envolve o livro só há favelados. Da criação, passando pela correção, até chegar as mãos dos guerreiros, nenhum representante do opressor terá sequer olhado para a minha obra. Quero que o favelado receba um trabalho totalmente imaculado. Todos os erros e acertos serão de minha autoria. Não haverá frase corrigida por inimigos do povo, tão pouco, trechinhos bonitinhos, amenos e agradáveis para serem lidos na mansão. Aliás, a última coisa que eu desejo é ter minha obra lida numa mansão. É de favelado pra favelado. A editora será nós mesmos e a venda feita por nós mesmos. O preço será justo e completamente acessível. Logicamente, nem poderia ser de outra forma, já que o sentido de tudo é fazer com que o livro visite a cabeceira de cada barraco do Brasil.

4 **Você é um cara que gosta muito de ler, desde quando você absorveu este gosto pela literatura? Quais são as obras que você mais gostou de ler?**

A leitura entrou na minha vida de uma forma inusitada quando eu era criança. Minha mãe, imigrante mineira não alfabetizada, que sequer sabia escrever o seu nome, gostava de presentear os filhos com revistas em quadrinhos. Conforme fui crescendo os gibis foram dando lugar aos livros de teor mais sério. Quando ingressei na música, notei que não tinha bagagem cultural suficiente pra responsabilidade que o rap exigia. Ser porta-voz das pessoas que nunca tiveram voz não é brincadeira, mais do que talento musical e caráter exige-se sobretudo conteúdo ideológico e informação. Então, reconhecendo a minha deficiência, por iniciativa própria comecei a buscar maior politização e informação nas lojas especializadas em livros antigos. Comecei a pesquisar autores e obras que tivessem algum tipo de conexão com o dia a dia áspero dos que vivem a margem do Brasil dos cartões postais. Mais do que aprimorar as minhas letras, eu queria que os meus escritos produzissem alguma diferença nos destinos das pessoas sofridas; queria levar dados ignorados, novas perspectivas, suscitar discussões e debates, apresentar ideias, desmistificar lendas e desmascarar canalhas. Desde o início entendi que o microfone é uma arma que deve estar nas mãos dos que se preparam para usá-la. Desde o início percebi que do outro lado da rima está o mano privado de sua liberdade, as meninas que engravidam na adolescência, os herdeiros da exclusão que sobrevivem da pouca solidariedade alheia, as mães que choram por não poderem re-

alizer os sonhos materiais mais banais de seus filhos... Enfim, quem canta o rap que eu canto trabalha com vidas. Portanto, não pode cometer o erro de entrar na arena desarmado. Já que os políticos, os juízes, os promotores e, pasmem, até os gambés se instruem para nos assassinar, eu, como um auto-proclamado defensor da favela não podia fazer menos do que no mínimo me equiparar aos nossos adversários para combatê-los. Vinte anos depois, ainda estou aprendendo, mas vejo que consegui bastante progresso dentro daquilo que me predispus a fazer. Os resultados negativos são ínfimos se comparados aos positivos. Ou seja, se comparado aos depoimentos daqueles que me disseram ter mudado de vida devido a alguma música que compus.

Respondendo a outra pergunta, já li inúmeros livros de autores variados, como: Nietzsche, Proudhon, Thomas Morus, Bakunin, Marx, etc. Todos eles de uma certa forma ajudaram a fortalecer as minhas convicções. Porém, as obras que mais me marcaram foram: Autobiografia de Malcolm X, Negras Raízes, A Arte da Guerra, Estado Sem Poder e A Cabana do Pai Tomas.

5 Algumas pessoas atribuem o conhecimento ou a literatura como o quinto elemento do Hip Hop, o que você acha disso?

Bom, acredito que o meu depoimento pessoal demonstrando a revolução que a literatura realizou na minha jornada descreve bem o juízo de valor que eu faço sobre o conhecimento. Vou mais além, eu não acho o conhecimento só o quinto elemento do Hip Hop, pra mim ele é o principal fundamento da vida humana. Tudo passa pelo conhecimento. Cantar, dançar, grafitar e discotecar são ações cuja força motriz é o conhecimento. Pra ser

rapper, B.Boy, grafiteiro ou DJ, antes de tudo é necessário absorver uma mínima noção sobre a respectiva arte. Isso é conhecimento.

6 Algumas pessoas que ouvem as músicas do Faccão Central imaginam que você viveu tudo o que cantou, a realidade não é bem essa, qual a maior inspiração de suas letras?

Todas as músicas que componho carregam uma mescla de um pouco das minhas experiências pessoais somadas as experiências do meu povo. Proporcionalmente, o Eduardo, fica até em segundo plano. Seria muito egoísmo de minha parte usar um dispositivo de revolução tão importante como é o rap para focar apenas nos meus problemas. Se assim fosse, não poderia falar do falido sistema carcerário, pois nunca cumpri pena, ou do tratamento desumano do Estado e da sociedade civil dispensado aos dependentes químicos, pois nunca fui viciado. O papel de um portal de informação é abranger a todos e não ser autobiográfico. Por isso procuro adicionar em cada estrofe que escrevo um pouco da história de vida de cada brasileiro. Tento fazer com que aqueles que não se reconhecem nos programas de TV, nos filmes, nas novelas e nas canções de outros artistas se sintam representados. As pessoas que ouvem o rap da vertente mais radical querem se enxergar nas narrativas contundentes das bandas; querem que as suas tragédias e exemplos de superação sejam expostos de uma forma humanizada, diferente da concepção tendenciosa e banalizadora apresentada pela grande mídia. Um rapper que tem a compulsão pela igualdade social em seu DNA só pode ter como sua grande fonte de inspiração o cotidiano dos cinturões de miséria.

As situações adversas que ameaçam as pessoas invisibilizadas e as suas inúmeras exibições de perseverança, hombridade e resistência são o alicerce do meu trabalho. Na mesma medida, em que áreas abandonadas pelo poder público são campos fecundos para a germinação de catástrofes, também o são para construção de letras de protesto.

7 Você passou por um momento muito difícil há pouco tempo e perdeu parcialmente a voz. Esse tempo sem poder cantar te incentivou a escrever mais? Como foi superar isso?

O sofrimento é uma grande escola. O tempo que estive afastado dos palcos me ensinou muito. Aprendi a valorizar ainda mais a minha família, a missão que o destino me delegou e principalmente o público. Aqueles manos que vários outros “cantores de rap” usam como catapulta para chegarem ao topo formaram com a minha esposa e filhas a corda que resgatou o Eduardo depressivo e desesperançado do fundo do poço. Quando não se tem esperanças, o telefone não toca mais e os remédios não fazem efeito, apenas a torcida e as orações daqueles que te amam e te respeitam são capazes de te reabilitar.

8 E o Faccão Central, como está atualmente? O que andam fazendo?

O Faccão continua firme e forte na estrada fazendo vários shows, tendo o privilégio de a cada fim de semana estar abraçando os nossos irmãos em um lugar diferente do país. O número de apresentações que fazemos é muito importante, porque mostra a todos que a vertente do rap que representamos continua viva e, que não é preciso prostituir pensamentos e ideais para se



alcançar o sucesso. É uma resposta aos que criticam o nosso seguimento e dizem que bandas como o FC impedem o progresso do HIP HOP brasileiro. Se cantar pra boy é evolução, vou morrer conservador e feliz ao lado dos que só são lembrados pela sociedade quando gritam: vai filho da puta dá o relógio e não reage.

9 **Você é um cara bem família, é casado tem duas filhas e trabalha junto com a esposa. Como é o Eduardo pai de família?**

O Eduardo pai de família em resumo é o mesmo Eduardo dos palcos, sério e focado em

objetivos.

Gosto de preencher meu tempo lendo, escrevendo e me informando. Creio que alguns de nós tem que abrir mão das baladas e dos momentos de curtidão pela causa. Também não vou mentir, não sinto muita necessidade dos rolês, porque subir no palco pra mim é tudo. Não existe outro lugar que eu goste de ir tanto quanto

em um show. No mais, tento fazer ao máximo para ser um pai e um marido presente. No que diz respeito as minhas filhas, quero deixar de legado para o mundo além de minhas músicas e obras literárias duas pessoas educadas com princípios e valores morais sólidos herdados da cultura de rua. Hoje tenho na minha casa duas adolescentes que lêem de dois a três livros por mês, que discutem problemas sociais, que debatem questões políticas, filosóficas e ideológicas, e que principalmente que conhecem a sua história e a história do opressor. E tudo isso devido às orientações e ensinamentos que a cultura marginal levou pra dentro de nossas vidas. E é justamente por saber o valor e a força dessa cultura que eu faço de tudo para que ela seja preservada e possa construir mais homens e mulheres instruídos e dispostos a se engajarem na luta pela libertação real e de fato dos escravos brasileiros. O que o boy chama de apologia ao crime é arte e informação. As pessoas de bonés e calças largas que ele chama de terroristas são homens e mulheres sérios, empresários capazes, artistas talentosos, profissionais inteligentes e responsáveis e, sobretudo, revolucionários. Pois só um revolucionário é capaz de fazer com que um povo que teve a sua identidade étnica usurpada pelo embranquecimento cultural vista com orgulho uma camiseta com os dizeres 100% negro. Só um revolucionário é capaz de fazer com que um povo sem nenhum tipo de unidade, se sinta parte integrante de uma comunidade, e vista jaquetas escrito; favela, zona sul, norte, leste e oeste. Quanto a trabalhar com a minha esposa... A Fatima é a empresária do Facção e do Eduardo não por ser a minha mulher, mais por ser extremamente competente naquilo que faz.

10 **A educação é um problema latente na periferia, nossas escolas estão cheias de professores mal preparados e boa parte dos alunos nunca leram um livro sequer. Na sua opinião quais são os caminhos para que esta situação melhore?**

Para solucionarmos o problema educacional do Brasil é preciso realizarmos uma gigantesca reformulação política, social e cultural. O conceito burguês de adestramento de favelados para as vassouras e botas plásticas deve ser imediatamente extinto. A escola tem que deixar de ser uma fábrica de empregados para se tornar uma instituição formadora de cidadãos preparados para a vida. Mudada a mentalidade que estimula com que os nossos filhos abandonem os estudos durante o ciclo fundamental e não cheguem se quer a prova do Enem, muda-se a realidade que faz com que necessitemos de cotas ou bolsas para ingressarmos no ensino superior elitizado. Enquanto a meta central dos governistas for metamorfosear negligenciados em cativos de empresários, industriais e mega-comerciantes nada adiantará ter professores preparados, dignamente remunerados e bem aparelhados, pois estes profissionais pouco poderão fazer contra a engenharia apodrecida. É óbvio que a resolução é difícil porque está associada a um círculo vicioso; para que as regras nefastas sejam alteradas é vital que os prejudicados se eduquem, e para que os prejudicados se eduquem é imprescindível que as regras nefastas sejam alteradas. Moral da história, se não derrubarmos as portas dos gabinetes das casas legislativas e executivas e ocuparmos os nossos espaços na política para exigirmos a educação ideal, jamais deixaremos de ter nas periferias e bairros pobres o letramento discriminatório que embranquece a mente de crianças renegando a importância cultural e social de sua etnia. Jamais deixaremos de ter nas periferias e bairros pobres a alfabetização emburrecedora que sabota a formação pessoal e profissional dos menos favorecidos. Não é por acaso que os alunos do 3º ano do ensino médio mal sabem ler ou escrever, o empenho sofrível de nossas crianças nas provas é o resultado direto da macabra lei de diretrizes e bases da educação nacional.

Você sempre faz questão de confraternizar com seus fãs nos shows, você acredita que a humildade é um dos motivos que faz com que você arraste uma multidão por onde passa?

Acho muito importante que o público enxergue no rapper uma representação autêntica. Que aquele que transpõem diversos obstáculos pra poder prestigiar um evento de rap não só saia feliz porque assistiu uma grande apresentação, mas também porque no palco havia uma pessoa realmente igual a ele. Uma pessoa que não se incomoda de estar entre os seus, seja para tirar fotografias, assinar um pedaço de papel ou camiseta ou simplesmente para apertar mãos ou





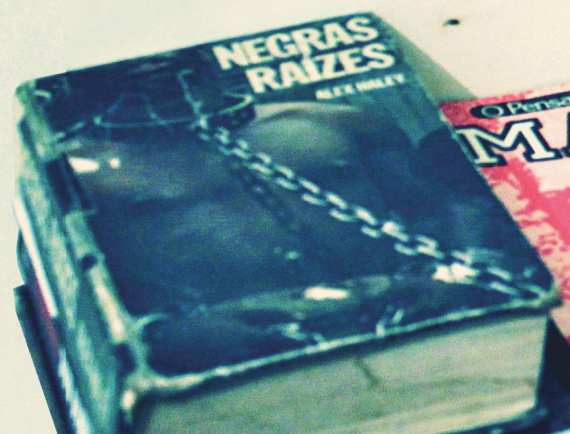
ouvir um depoimento de vida. O público de rap não admite contradições. Não admite farsa ou personagens criados pra baterem suas carteiras. Quem bate no peito e se diz favela não pode ter nojo de sua gente; não pode chegar cantar, pegar o cachê e sair andando. Tem que tentar atender a todos. O atendimento ao público na minha visão é parte do espetáculo. E confesso, muitas vezes é bem mais emocionante do que o próprio show em si. Não foi uma, nem duas vezes, em que tecnicamente devido a circunstâncias como falta de aparelhagem adequada em favelas, escolas, reformatórios e presídios, a apresentação não foi das melhores, porém, os elogios e a confraternização pós-músicas salvaram o dia. Seria paradoxal não abrir as portas dos camarins e amanhecer trocando ideias com quem deseja te brindar com demonstrações de carinho. Se tiver 10 mil guerreiros querendo um abraço, uma palavra ou um autógrafo e eu puder atender, com certeza eu o farei. Não sou um pop star, sou um homem

simples que ama seu povo e é muito grato a ele. Não sei se o nome certo para a classificação do meu modo de pensar é humildade ou se esse é o fenômeno que arrasta as multidões. Só sei que ajo da maneira que ajo por entender que é o correto e o justo a se fazer.

12 O que você acha da nova safra de MCs do Rap Nacional, pessoas que transcenderam barreiras, levaram o Rap pra outros espaços, fizeram parcerias nunca antes imaginadas e que recebem críticas pesadas da nata conservadora do Hip Hop?

Não discrimino ninguém. Já disse algumas vezes em outras oportunidades que o preconceito só se aloja nas mentes intolerantes parecidas com as de Hitler. Longe de mim ter algo em comum com a besta do milênio. Entretanto, compreendo perfeitamente a rejeição da favela e a sua resistência em relação a nova moda. O playboy, pai ou filho, não pisa nas ruas de terra,

só interage com esse lado invisibilizado da sociedade pra pressionar os governantes e as secretarias de segurança para que ampliem as medidas emergenciais e enérgicas, também conhecidas como matança. Os habitantes dos condôminos fechados se posicionam como os entraves que impedem equiparações salariais condizentes com o custo de vida dos trabalhadores. Nunca saem as ruas para pedirem paz vestidos de branco, segurando cartazes com as fotografias das vítimas periféricas da barbárie. Nunca saem as ruas para protestarem contra os planos governamentais que alteram o slogan, mais nunca o roteiro de lágrimas e dor que termina com pessoas em situação de risco sendo levadas para masmor-



ras prisionais e sepulturas. Em suma, o comportamento dos boys para com as pessoas de baixo poder aquisitivo é sempre agressivo, discriminador e egoísta. Então é natural que os manos dos bairros pobres não vejam com bons olhos essa simbiose. É natural que não gostem de ver favelados repartindo a nossa cultura com a classe que, todavia negou ao povo acesso à cultura e a educação. Não gostem de ver favelados repartindo a nossa cultura com aqueles que nunca objetivaram repartir os bens e as riquezas saqueados do povo. Não gostem de ver indivíduos das esferas dominadas divertindo a classe dos dominadores. Os nossos irmãos de sofrimento não querem mais que se repita a cena em que o senhor de engenho sentava no jardim ao lado de sua família para ser divertido e alegrado pelo canto dos escravos. O nosso ódio pelos carrascos da alta roda é muito grande, porque as suas ações truculentas ultrapassaram e muito os limites do aceitável. Desta maneira, poucos de nós admitem pacificamente qualquer tipo de concessão que os beneficie. Os opressores já nos tomaram tudo; terras, religiões, nomes, sobrenomes, soberania, riquezas, identidade pessoal e coletiva, amigos e parentes. Por isso o receio dos mais conservadores. Eles temem que os ricos também consigam roubar a cultura marginal. Justamente a cultura que nasceu para ser um grito de libertação a todo tipo de opressão e silenciamento.

Aproveitando a deixa, quero dizer a todos que admiram o meu trabalho, que não se preocupem, o Eduardo não seguirá nenhum tipo de tendência mercadológica. Hoje e sempre vou escrever e cantar para a favela. Não nasci para ser astro da música, nasci para ser revolucionário; pra ser chamado de bandido pelos playboys. Pra finalizar esta questão, aconselho a todos, que mesmo não concordando com as ações de fulano ou ciclano não os discriminem. Temos que exercitar a harmonia entre nós e não as desavenças. Todos são livres para seguirem os seus caminhos.

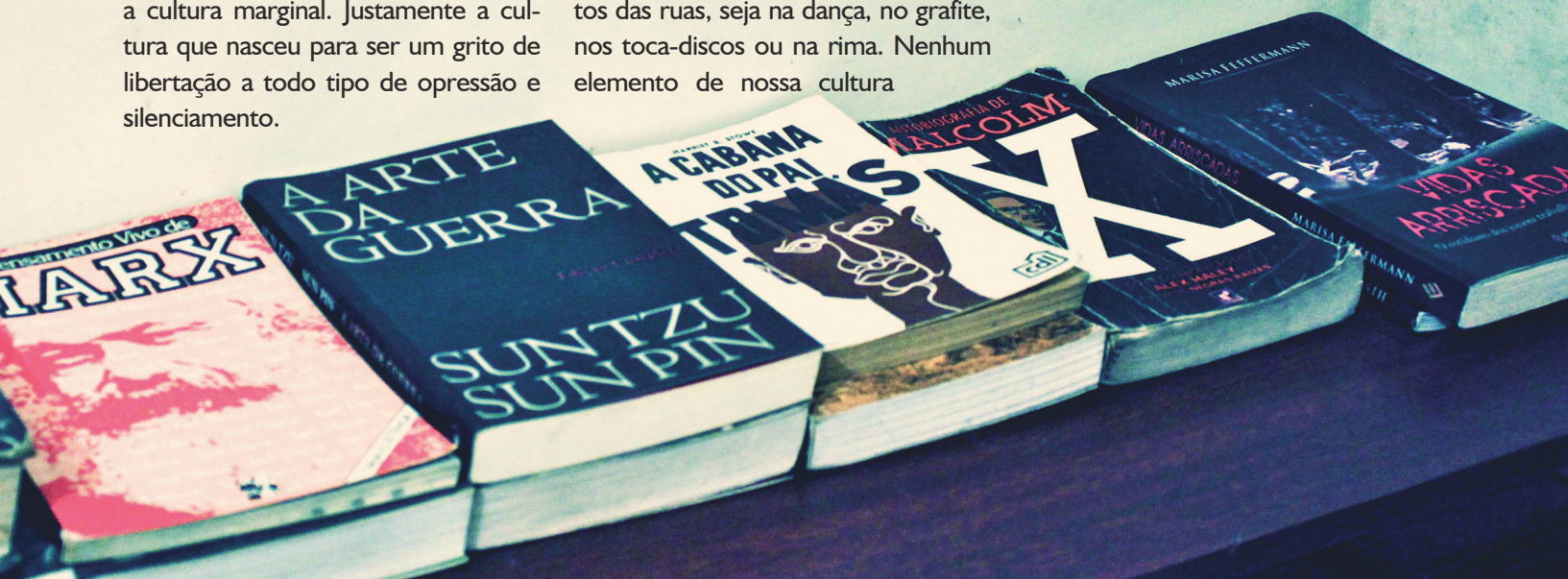
3 A falta de união dos quatro elementos do Hip Hop é apontada por muitas pessoas como uma atitude que faz com que cada vez mais a cultura seja extinta, qual a sua opinião a respeito?

Concordo plenamente. Nenhum segmento se faz respeitar sem organização e coesão. A tática principal de um exército para desestabilizar e dominar uma tropa inimiga é desuni-la. Enquanto não agirmos como um movimento, não seremos um movimento no sentido literal. Não existem mais espaços para pensamentos mesquinhos. Temos que nos desprender do egocentrismo e passar a nos ajudar uns aos outros. Temos que valorizar todos os talentos das ruas, seja na dança, no grafite, nos toca-discos ou na rima. Nenhum elemento de nossa cultura

é mais importante do que o outro. Todos, sem exceção, colaboraram sobremaneira pra que o HIP HOP chegasse no patamar que ocupa hoje. Não podemos nos dividir em grupos, devemos formar um grupo único.

4 Hoje a chamada Literatura Marginal é objeto de estudos de dissertações de mestrados e doutorados, você acha que isso contribui ou atrapalha?

No meu ponto de vista, é indiferente, não atrapalha e nem contribui. Até porque, para a imensa maioria dos estudantes das universidades depois de dadas as notas pelos professores voltamos a ser os velhos e habituais números estatísticos. A abordagem de mazelas por um curto período de tempo dentro de uma sala de aula, seja ela do ensino fundamental, médio ou superior, não tem poder para sensibilizar ou mobilizar pessoas que só assistem a vida real através da TV a cabo. No máximo o que pode haver são alguns minutos de reflexão ou de externalização de preconceitos durante o tempo de exposição da monografia onde aparecemos como personagens exóticos e desconhecidos. Depois disso, as coisas voltam a seguir o seu curso normal, os boys pegam os seus carrões importados e correm pras suas mansões para humilharem os empregados do papai.



As letras de rap, as poesias periféricas e os livros escritos por autores das favelas promoveriam algum tipo de mudança comportamental nesses ambientes se seus conteúdos fossem colocados em pauta pelo menos uma vez por semana e, se a conscientização geral sobre a temática fosse um objetivo do MEC.

15 Quem são os verdadeiros playboys que você critica em suas letras e textos?

São os banqueiros, os grandes empresários, os empreiteiros, os grandes varejistas, os industriais, os investidores, os monopolizadores dos meios de comunicação, os charlatões de algumas igrejas, enfim, toda a elite que junta, forma a máfia corporatocrática que governa o país. Somos a mão de obra escrava extenuada nas linhas de produção por esforços repetitivos e os corpos em pedaços em caixões lacrados porque os 10% de parasitas que administram a nação confeccionaram as regras conforme as suas expectativas econômicas. Todas as peças dos escalões da política estão colocadas estrategicamente em posições chave para atenderem aos seus interesses. Não existe uma decisão política no Brasil que seja tomada sem o consentimento das amebas capitalistas. Aliás, a tradução literal de política brasileira é: sistema operacional dos abastados. Os playboys são gangsters. São criminosos ultra organizados que compõem uma coalizão do mal que age em benefício próprio em detrimento do bem comum. Prova disso, são os incontáveis socorros por parte do governo a bancos e empreiteiras num cenário que ostenta cidades comparáveis a estados falidos. Não existe uma invasão no morro que não seja orquestrada pelos acumuladores de capital. Cada cadáver ou faminto atende a uma lógica estabelecida pelos demônios

de terno e gravata. Todas as fortunas dos inimigos da favela estão escoradas no nosso sofrível índice de desenvolvimento humano. Os gananciosos viciados em papel moeda se alimentam da nossa fome; se fortalecem das nossas doenças; evoluem da nossa involução; se instruem do nosso analfabetismo; prosperam nas nossas desgraças; enriquecem com a nossa privação; vivem luxuosamente da nossa morte. O nosso caos sustenta as suas indústrias do medo, da violência, da pornografia, da proibição das drogas, dos votos, das comunicações... Toda a organização social que não dá chances aos excluídos é obra dos playboys financiadores de políticos. Esses senhores de escravos do terceiro milênio são responsáveis pela falsa democracia, pela desigualdade social, pelas taxas alarmantes de criminalidade, pelo índice de óbitos não naturais, pelos conflitos armados, pela luta de classes, pela exclusão racial, social, digital, cultural, educacional; respondem pela nossa ausência significativa nos pólos do poder; por conta das suas maquinações perniciosas não possuímos partidos políticos, não comparamos bancadas parlamentares, não ocupamos cargos de chefia nas empresas e nem respondemos “presente” nas salas de aula do ensino superior. Os ricos não representam apenas a praga devoradora de pobres, representam a ruína do Brasil. Nossa nação não está na vanguarda do desenvolvimento em todas as áreas porque as suas maiores riquezas, as crianças, estão sendo desperdiçadas por esses psicopatas em bocas de fumo; estão expostas aos perigos das ruas, ao vício das drogas e do álcool; estão sendo aniquiladas por seus tentáculos fardados. Não existe maior demonstração de sordidez e perversidade do que possuir em uma conta bancária uma quantia impossível de ser gasta em mil encarnações. Para dimensionarmos o tamanho do cri-

me que cada filho da puta desses comete ao se omitir e manter seu dinheiro rendendo juros e catástrofes é só calcularmos quantas pessoas seriam resgatadas da miséria, caso um milionário resolvesse viver confortavelmente tendo como bens patrimoniais uma casa, um carro e uma empresa que rendesse dividendos suficientes para sustentar sua família dignamente. Todos os maiores serials killers juntos não mataram 1% do que os genocidas sociais do Brasil já assassinaram. Seus crimes são tão graves e hediondos que não existem punições severas compatíveis com eles. Qualquer tipo de pena ainda é pouco pra esses Hiltlers em pele de homens polidos e civilizados.

16 Quais são os seus futuros projetos após o lançamento do livro?

Assim que eu terminar de escrever o livro, além de me dedicar à composição de novos trabalhos musicais, também vou começar atender as centenas de convites que me chegam para palestrar. Depois que as pessoas souberam que eu estava nesse projeto literário os convites para palestras explodiram. Não aceitei nenhum, justamente, porque eu quero debater temas referentes ao livro. Vai ser bem interessante conversar com os meus parceiros em recintos diferentes dos shows sobre os pensamentos colocados nessa obra. No mais, o meu público pode ter certeza que 2012 será um ano bem produtivo e cheio de surpresas. Pretendo não só lançar o livro como também alguns CDs, e se der tempo, quem sabe até um DVD.

17 Fale um pouco sobre este capítulo que você está disponibilizando com exclusividade aos leitores da Revista RAP NACIONAL.

Neste capítulo específico, expressei a minha opinião sobre o quão ridículo é se discutir a pena de morte em um país que extermina sistematicamente criminosos, suspeitos e inocentes. É um absurdo, não só pelo fracasso reconhecido desse dispositivo em todas as nações que o adotaram ou pela letalidade estatal já expressiva, mas também, porque as taxas de crimes hediondos são produzidas pelo próprio Estado. Que moral a burguesia brasileira tem para levar um homem a cadeira elétrica ou a injeção letal, quando a mesma é responsável exclusiva por sua delinquência? Nenhuma. Só morrem 50 mil pessoas por ano no Brasil, porque, o Estado colabora sensivelmente para o derramamento desse sangue. Qualquer diligência no morro, daquelas que até bebê de colo morto ganha a classificação de chefe do tráfico na imprensa marrom, produz mais finados do que a aplicação da pena capital nos Estados Unidos durante uma década. Está escrito no capítulo e volto a frisar; matar não é a saída para a diminuição dos índices de violência, e sim, justiça social e educação transformadora. Porém, se a morte de algumas pessoas for a solução para a pacificação, quem deve morrer são os capitalistas parasitas e não os moleques de bermudas e chinelos coagidos pela precariedade de suas existências a manusearem fuzis AR-15. Bom, o trecho disponibilizado é só uma pequena amostra dos assuntos polêmicos que o público vai encontrar no meu livro. É só uma pequena amostra de que pra todos os temas relativos a sociedade em geral há mais versões do que as apresentadas pelos opressores. Quando na segunda resposta dessa entrevista eu disse que pretendo contribuir para a abertura de algumas mentes, é justamente isso, eu quero que as pessoas entendam que a verdade não está nas propagandas eleitorais, nos comunicados da presidenta à nação ou nas opiniões dos âncoras dos telejornais movidos a desgraças. Todos os porta-vozes dos poderosos mentem pra assegurarem a alta lucratividade de seus patrões. Por isso, quero colaborar para que todos mantenham os seus desconfiômetros 24 horas ligados, observando os passos dos inimigos.



Eles não dão ponto sem nó. Eles só se envolvem naquilo que vai trazer algum tipo de vantagem. No dicionário burguês não existem palavras como filantropia ou solidariedade. Quando ouvirmos eles dizerem; temos que discutir a questão da pena de morte, devemos estar aptos para lermos nas entrelinhas; os boys não estão satisfeitos com os resultados assustadores de sua política eliminacionista, eles querem ampliar o massacre, eles querem mais velas acesas em velórios nos cemitérios das classes D e E.

18 O que você tem ouvido ultimamente?

Eu diria que eu tenho um gosto musical bem parecido com o dos manos da periferia, ouço basicamente rap nacional. Gosto de alguns gringos como Tupac e BIG, porém mais para curtir do que para usar como referência. A música dos norte-americanos carrega a verdade deles, retrata o universo particular deles. O mundo desenvolvido é bem diferente do subdesenvolvido. Por mais que abordem temas comuns como; violência, racismo, desigualdade, ainda assim, o discurso USA não abrange as calamidades do planeta favelizado. Por isso, até escuto, mas me identifico mesmo com as rimas do rap nacional. Sei que a pergunta não é essa, mas tomo a liberdade para dizer que aquilo que eu não escuto, muito menos vejo um videoclipe, é o chamado BLING-BLING. Simplesmente me enoja ver pessoas materialistas ostentando suas jóias, automóveis de luxo, iates e mansões para públicos ao redor do mundo que muitas vezes nem tem o que comer. Isso fora os ridículos merchandising de multinacionais que aparecem

no decorrer dos vídeos. É lamentável! Essas pessoas pra mim não são artistas de nenhum gênero, são apenas garotos propaganda vazios sem qualquer resquício da verdadeira essência do rap nascido nos guetos para ser uma arma de defesa e contra-ataque. Espero sinceramente que o público brasileiro um dia não tenha o desprazer de ter de assistir espetáculos lastimáveis desse tipo, com rappers nacionais exibindo dentes de ouro ou diamante.

19 Você é um cara que está lado a lado com o Portal Rap Nacional a mais de 10 anos, o que tem a dizer sobre esta parceria? Qual a importância da revista para o movimento?

O HIP HOP é um segmento musical e cultural onde só os de caráter sobressaem e se estabelecem. A história do site RAP NACIONAL não foi diferente. O trabalho pautado na transparência, integridade e imparcialidade foi reconhecido pelo grande público que o elegeu não só o maior veículo de comunicação do HIP HOP, como também o mais confiável. Eu, como uma das pessoas que mais valoriza e respeita o público das favelas me sinto privilegiado por estar lado a lado a mais de uma década com quem pensa da mesma forma e luta pelos mesmos ideais. Falando da revista, assim como o meu livro, ela surge para ser mais uma importante ferramenta para a construção de um futuro menos violento e mais esclarecido nas áreas de baixa renda. Num país que covardemente nega educação pra aqueles que poderiam cobri-lo de glórias e conquistas, iniciativas como estas são louváveis e sempre bem vindas. Desejo de todo o meu coração, que este primeiro

exemplar de estreia seja o primeiro de milhares que durante décadas ou séculos estarão nas mãos de nossos jovens os informando e os entretenendo. A data de lançamento da revista RAP NACIONAL deve ser guardada para ser celebrada em cada aniversário, pois, representa um marco do HIP HOP brasileiro. Por reconhecer a importância impar desse mais novo instrumento de mudança cultural, social e comportamental, só posso agradecer a honra de estar presente na sua estreia. Vida longa à todos que amam e dignificam o povo da periferia. Vida longa à todos os meios de comunicação que visam estimular os cérebros da periferia a pensarem de forma livre e independente.

20 Deixe uma mensagem aos seus fãs.

Não aceite a posição de coadjuvância que o opressor determinou pra você. Não é natural porra nenhuma que sejamos a massa de manobra. A nossa função social não é gerar riqueza e conforto para a classe patronal e política. Não nascemos para ser escravos dentro ou fora de senzalas. Não se deixe enganar; você vive em uma guerra não oficializada, porém, existente e atuante; você não tem liberdade de expressão, pensamento e ascensão; tem um regime tirânico personalizado para a quantidade de melanina da sua pele, para a textura do seu cabelo e para os seus traços físicos. O que na TV apelidam de desenvolvimento do país, nada mais é do que o crescimento patrimonial dos canalhas dominantes. Todas as propagandas do governo são enganações; os políticos da antiga esquerda não se importam com as calorias diárias que



você ingere, não se importam com o quadro insuportável de privações que devastam você e sua família. Nunca te darão vagas em universidades ou bons empregos, apenas matrículas em presídios. Te querem pobre e analfabeto, pois os pobres não alfabetizados não questionam o ritmo abusivo das linhas de produção, não fiscalizam parlamentares e muito menos conseguem decifrar as raízes dos dramas que sequestram a sua gente há gerações. Não se iluda com as promessas de erradicação da pobreza, pois a nossa miséria é o maior captador nacional de capital que se tem notícia. Nada gera mais lucros no Brasil do que multidões famélicas revirando sacos de lixo em aterros sanitários. Você pai, mantenha as crianças na escola. Você filho, obedeça os pais e se mantenha na escola. Somem a educação precária das instituições governamentais ao hábito pela absorção de informação marginal, aquela que é encontrada nos livros que muitos professores por serem manipulados ou refenizados não indicam; que é encontrada na internet ou nas letras de rap. Enfim, de uma maneira ou de outra temos que substituir parte das baladas pela busca da informação.

Deixar de usar nosso pouco dinheiro para bebidas e drogas para usá-los na aquisição de informação. A cada quatro cervejas economizadas se é possível comprar um livro. Só através dessa mudança de postura trocaremos a cultura da violência pela cultura de revolução, libertação e conquista. Só assim deixaremos à posição de pedintes, para ocuparmos a nossa posição de direito; a de exigidores. O correto

não é implorar para que o governo nos ajude, é obrigá-los a reverter as nossas pesadas contribuições na melhoria de nossas vidas. Sendo mais explícito, ou você lê e se informa ou nunca retirará dos seus calcanhares os grilhões do sistema responsáveis por violar todos os seus direitos. Você pode até não admitir, mas, os inimigos das favelas estão nesse exato momento fazendo uma faxina social no seu bairro. As mortes que acontecem devido à negligência burguesa e estatal e que nos atesta-

“Te querem pobre e analfabeto, pois os pobres não alfabetizados não questionam o ritmo abusivo das linhas de produção, não fiscalizam parlamentares e muito menos conseguem decifrar as raízes dos dramas que sequestram a sua gente há gerações”

dos de óbitos aparecem como naturais, são assassinatos. Todos os dias os carniceiros colhem defuntos para saborearem, seja por meio de água contaminada impotável, da falta de saneamento básico, da carência nutritiva ou da artilharia dos ratos fardados. Está mais do que na hora de entendermos definitivamente que os boys não nos respeitam como seres humanos. Não adianta nada ficarmos de boca aberta

esperando soluções partidas de sua “boa vontade” ou caídas do céu. Pra eles somos apenas as peças inanimadas do maquinário de suas indústrias, que servem tão somente para serem usadas enquanto jovens e saudáveis. Pra eles somos apenas a escória e o perigo que povoa os seus pesadelos, portanto, os elementos que devem ser chacinados caso não queiram bater as massas de cimento. Qualquer avanço nosso representa um regresso deles. Se não fizermos algo por nós, não serão eles que o farão. Resumindo, não seja um cordeiro pacífico em relação ao sistema. Não entenda como justo o seu salário, o seu barraco, as fortunas dos novos barões ou modo precário que você vive. Não deixe que arranquem o seu senso de união e façam você comemorar pacificações assassinas em morros. Se rebele e boicote os produtos e as programações televisivas que não incluem os seus pares. Torne assuntos como à injustiça social comuns em seus ambientes, pois só assim, todos a nossa volta se familiarizarão com a perversidade dos assassinos do povo. Todas as crises humanitárias que arrasam as nossas quebradas são heranças malditas do período colonial e escravocrata. A guerra não é culpa sua ou minha, já nascemos em guerra. Estamos na beira do precipício porque fomos conduzidos até aqui. Todo o cenário de penúria que te abraça e sufoca não é obra de um infortúnio do destino ou da má sorte, é resultado direto do plano burguês que visa nos anular, escravizar e massacrar. Almeje a paz, mas a paz que faz os sorrisos serem abertos nas favelas e não nas Casas Grandes contemporâneas.



JÁ NAS LOJAS



Telefones para contato:
(11)6152-1771 / 6110-6866 / 8066-5799
Nextel:7701-4156 Rádio : 107*79136

Email: a_trup@hotmail.com
Myspace: www.myspace.com/atrup4

PARTICIPAÇÕES DE VÁRIOS NOMBES DO RAP NACIONAL

BIHEL (IMPÉRIO Z/O), RAEI DA RIMA (PENTÁGONO), CRIOLO DOIDO, MAX B.O, BILLY (EX-FUNK CIA), ERICK 12 , KURYÑA, LAKERS E PÁ(CÓDIGO FATAL), ROMS, PETERSON 011, BBS e RINEA BV.



O Juiz + justo é o tempo
novo disco do:

Detentos do Rap



Já nas
lojas!

Contato para show

(11) 5661-5061

55*11*746563





Detentos do RAP Os obstáculos do cami

Por Elaine Mafra e Paula Farias

E escrever uma história com mais de duas décadas de caminhada no rap nacional é uma missão alcançada por poucos. Tal façanha se torna ainda mais importante se considerarmos que quando o grupo foi fundado não existiam as facilidades que se tem hoje para divulgar uma música. O grupo Detentos do Rap foi criado em 1991, dentro do então maior presídio da América Latina, o Carandiru, em São Paulo/SP. E foi lá dentro, usando um estúdio móvel com oito canais, que foi gravado o disco “Apologia ao Crime”, álbum de estreia do grupo. Mesmo com tantos obstáculos o Detentos do Rap conseguiu vender 30 mil cópias do primeiro disco.

Maurício DTS, Mano Reco, Daniel Sancy e DJ Culina voltam ao cenário do hip-hop nacional em grande estilo e a prova disso é o disco “O Juiz + justo é o tempo”, lançado no fim de 2010. A capa do CD promove uma reflexão em torno de quem comanda a situação. “Quando você pega o disco a primeira impressão que se tem é

que somos marionetes, mas quando você vira a contracapa entende que quem controla a nossa história somos nós mesmos. Fazendo com que as pessoas reflitam que elas podem sim fazer sua história”, explica Mauricio DTS.

Várias cidades desse imenso Brasil já tiveram a oportunidade de receber o novo show do Detentos do Rap, que não para de levar musicalidade e consciência para milhares de pessoas. Para deixar o álbum ainda mais especial, o grupo contou com a participação de DJ DRI, Eduardo e Dum Dum, do Fação Central, Ferréz, do Tr3f, Mano Sasá e J. Aiais.

Para Maurício a aceitação do público tem sido ótima e isso é um reconhecimento que o trabalho foi bem feito. “O CD esta agradando aos fãs e estamos tendo uma atenção maior em relação as letras porque o público do rap não aceita mais qualquer coisa”, comenta. O rapper destaca ainda que a interação com os fãs em cada apresentação é algo fascinante. O contato direto com o público na hora de cada show

nos motiva ainda mais a continuar nesta caminhada”, afirma.

O Detentos do Rap foi o primeiro grupo a lançar um DVD e agora os fãs podem ficar na expectativa porque o segundo DVD já está a caminho. E para provar que respeita a opinião do público, o grupo promete fazer uma enquete com os fãs para escolher o repertório do DVD. Mas antes do DVD serão lançados os videoclipes das músicas: Ruas de Terra, João Ninguém, que tem participação de Eduardo, e A Idéia é Forte Parte 02. Esse último som é uma das faixas do

FOTOS: C7





nhos fortaleceram os ideais de revolução deste grupo

disco “O juiz + justo é o tempo” e tem tido grande repercussão. Isso porque a letra critica os rappers que querem ganhar dinheiro e esquecem a essência de revolução que criou o nosso movimento. “Tudo que cantamos é aquilo em que acreditamos. Queríamos passar nessa música só o sonho de um moleque que cresceu e que não aceitava mais ouvir besteira. E por incrível que pareça esse cara é o mano Sasá”, afirma Maurício.

O rap além do rap

Maurício DTS precisa dividir seu

tempo entre o Detentos do Rap e outros projetos, entre eles a parceria com o escritor Ferréz, no projeto Ensaio, que rola toda última sexta-feira do mês, no Capão Redondo, Zona Sul de São Paulo/SP. O Ensaio é um ensaio coletivo e gratuito. Uma ótima oportunidade para os rappers ensaiarem e trocarem uma ideia.

O objetivo deste projeto é oferecer oportunidade para profissionalização dos grupos. Durante o Ensaio diversos assuntos são debatidos e os manos que participam podem falar sobre postura de palco, produção, tirar dúvidas sobre capas e encartes, shows, entre outras coisas que um MC ou DJ precisam saber para administrarem suas carreiras. “Quando começamos éramos quatro grupos e hoje graças a Deus temos 37 grupos por ensaio. Queremos levar este espaço para outros estados e oferecer esta oportunidade para mais jovens”, declara Maurício DTS.

E o incentivo para os novos grupos não para por aí. Maurício e Ferréz comandam também o Estúdio Ida-

Sul. Esse estúdio não funciona da maneira comercial como os outros. Qualquer grupo pode apresentar seu trabalho que será analisado por uma equipe, na qual Maurício também faz parte. Se a proposta do grupo for aprovada são oferecidas condições de pagamento diferenciadas, o que facilita muito o acesso de grupos novos há um estúdio profissional, que possui profissionais e equipamentos de qualidade para garantir um ótimo trabalho.

E é com essa consciência dentro e fora dos palcos que o Detentos do Rap vai escrevendo sua história. Muitas foram as pedras no caminho, mas nenhuma delas fez com que os integrantes do Detentos do Rap desistissem daquilo que sabem fazer e acreditam, que é o rap. Esse caminho não é fácil, por isso é preciso muita dedicação, empenho e fidelidade com o rap para se alcançar um objetivo. Por tantas lutas e vitórias é que muitos grupos novos se espelham no Detentos do Rap e por isso Maurício avisa: “Comecem com os pés no chão, trabalhem muito para que possam ter seus objetivos alcançados”.





Slim Rimografia:

das rodas de rima paulistana para o Brasil

O MC DA VOZ AGUDA VEM SE DESTACANDO PELAS RIMAS PRECISAS E PELO SUCESSO COM AS MULHERES

Por Cristiane Oliveira

Do Skate para o Graffiti, do Graffiti para as rimas, esta foi a trajetória de Slim Rimografia, que em 2006 se rendeu aos encantos do Rap e desde então vem fazendo sucesso no freestyle e no canto falado.

Com quatro trabalhos lançados e passando pelas mesmas dificuldades enfrentadas por quem opta pela arte, Valter Araujo, o Slim, conta que já pensou em desistir, mas soube priorizar seus sonhos e acreditou que seria possível. “Viver de arte não é fácil, de rap então, mas pra mim o rap é o que sou, é o que amo, é o que vou fazer o resto da minha vida”, frisa.

Aclamado pelas mulheres, as

rimas de Slim batem nos corações das “minas”, ele arrasta uma legião delas para seus shows “obrigado meu Deus (risos), esse público feminino vem se identificando muito por causa da música “Por Você”, lançada em 2003. “Escrevo muitas coisas sobre mulheres e relações e elas têm mais facilidade pra demonstrar sentimento”, comenta.

#Foco&Disciplina, foi disseminando esta hashtag e principalmente colocando em prática essas atitudes, que Slim conseguiu lançar o CD “Mais que Existir”, idealizado, produzido e rimado em parceria com Thiago Beats. Sobre a amizade e o trabalho ao lado de Thiago, o MC tenta puxar na memória o início da parceria “foi uma junção tão natural que não consigo lembrar como ela realmente aconteceu (risos)”.

Em seu novo CD, Slim mais uma vez cantou diversas formas de amor, outra característica do MC que fica bem explícita neste trabalho é a poesia, amante dos versos e poemas, frequentador assíduo de saraus, ele trouxe para este CD a participação do poeta Sergio Vaz na introdução do disco, além dele, outros nomes abrilhantam a obra, destaque para Emicida, Kamau e Rapadura.

Sobre o Foco e a Disciplina levados a sério e mantidos como filosofia pelo rapper, ele comenta “F&D me deu esse novo trabalho, me fez acreditar e priorizar o que mais amo que é fazer rap”.

O CD Mais que existir é vendido pela internet e é uma boa pedida para quem gosta de rap com um tom poético e com boas letras.

Serviço F&D:

Site: www.srtb3.com

CD: vendas@srtb3.com

Contato: (11) 81033422





As novidades do Street Wear

por Igor Moraes*

A cultura urbana e o hip-hop sempre fizeram parte do meu cotidiano. Mas essa ligação se tornou ainda mais forte quando na década de 90 fundei a loja New Records, na Galeria 24 de Maio, em São Paulo/SP. Desde a criação a New Records sempre teve como objetivo servir como uma ponte entre os jovens brasileiros e a Cultura Urbana que surgia mundo afora. A New Records era especializada em CD's, mas com o passar dos anos e caminhando junto com a globalização, passou a comercializar também calçados, camisetas, moletons, entre outros artigos. Em dezembro de 2007 mudamos o nome para Loja Kings e desde então passamos a atuar também no mercado de moda conceitual, combinando estilo de vida e música. Buscamos sempre levar para nossos clientes a moda que representa a cultura do hip-hop e é com muito prazer que todos os meses estarei aqui nas páginas da Revista Rap Nacional para falar um pouco do que rola na cena Street Fashion brasileira.

NiKe Air Force One Brasil

Na edição de estreia vou falar sobre o sneaker mais esperado do momento. O Air Force One Brasil é um projeto totalmente nacional que foi desenvolvido pela Nike do Brasil. O tênis é de couro, tem várias tag's e ilhoses nas cores verde e amarelo, que fazem deste o mais brazuca

dos sneakers da Nike.

Para marcar o lançamento do tênis foi produzido o documentário "É Possível" com personalidades que simbolizam a cultura da rua, como os rapper, Emicida, Xará e Don Pixote, os jogadores de basquete, Raulzinho e Damiris, e o artista Toddy. No vídeo eles mostram de várias formas que "É Possível" chegar onde se quer.

O Air Force One é o primeiro tênis com tecnologia Air Force para jogadores de basquete. O modelo foi criado pelo designer Bruce Kilore em 1982. O sneaker tem três diferentes versões: low, mid e high e diversas combinações

de cores. O mais famoso de todos é o White-on-White, que é um dos tênis mais usados no mundo.

O nome "Air Force One" foi inspirado no código criado pela Força Aérea Americana para designar aeronaves que transportam o presidente dos Estados Unidos. Assim como na aviação o termo "Air Force One" significa poder, na cultura de rua os sneakers conquistaram milhões de jovens e se tornaram peças colecionáveis.

Na Loja Kings você encontra o Air Force One Brasil e muitos outros modelos. Acesse www.lojakings.com.br.

*Igor Moraes é CEO da Loja Kings



Sim, é Possível...

Literatura Marginal

É Pouco pá nois

Toni C

toni@vermelho.org.br

Organizador dos livros *Um Sonho de Periferia* e *Hip-Hop a Lápis*. É autor do romance “O Hip-Hop está Morto!” (ainda não publicado). Autor do vídeo documentário *É Tudo Nosso! O Hip-Hop Fazendo História* e membro da Nação Hip-Hop Brasil.



Sença aqui.

Neste mundo besta, onde tudo parece cópia, desafio está até em se manter original.

Oh que fita!

Andava de ônibus na terra de Eduardo Galeano. Um país menor que o Rio Grande do Sul conhecido como Uruguai. Entrou um mano de cabelo escovinha. Num castelhano calejeiro que é um estilo mais rua que agente reconhece até sem entender, dizia que estava dando uma força pra levar um qualquer pra casa, fazia aquilo da melhor maneira que sabe: Cantando um rap do melhor MC de Montevideu, ele mesmo. Se apresentou arrancando a atenção dos passageiros. Eu queria registrar aquilo com minha maquina de congelar momentos, o mano disse que não curtia ser filmado.

- Firmeza, canta ai então...

No final da apresentação após ele coletar alguns pesos, descemos no mesmo ponto. Perguntei se ele tinha um CD. O mano:

- Não tenho.

- Se tem e-mail? – Perguntei.

- Não, email eu não tenho.

Insisti – Tem um telefone, pra gente manter contato e tal...? -Afim de contas eu estava diante do maior rapper do Uruguai como ele havia se anunciado.

Advinha a resposta.

- Não tenho.

O mano não tinha nada. Já vi muitos caras com CD, email, site na internet, myspace, celular, DVD e us carai... Mas com a disposição desse mano... hum! Ai é difícil de ver.

Sei que fomos jogados nos escan-teios das burras cidades e o juiz não apita pênalti nem nada. Mas o discurso de vítima num serve pra nois. Nem de algoz.

O embargo ao rap é visível e notório.

Já é chavão querer associar o hip-hop à violência. Por que num atrelam a violência com os boys? Ué!? Tudo quanto é violência, vem dos boys, direta ou indiretamente. Na Câmara foi aprovado projeto que combate trote violento nas universidades. Mas o que é embarrado são as festas de rap.

Já ví nois dominá e ser dominado. Atualmente o barato tá tão louco que as vezes dá impressão que qualquer Emo é mais firmeza. Ainda bem que rapidinho aparece uns dois ou três parceiros pesados pra me mostrar que estou errado.

Abracadabra, Mandrake! Tem que ser mago para lançar uma revista chamada Rap Nacional nessa tempestade monstro.

Na minha cabeça fica ecoando a colagem do GOG na música do grupo Inquérito:

“Rap Nacional é coisa séria”.

Sempre preferi ser mensageiro da paz. Acabo topando ser correspondente de guerra. Por confiar que quem me lê num vai me deixar sem munição. Manda torpedo, bala de canhão, e-mail, barril de pólvora, carta... liga nois!

Num quero atacar de sermão, nem pretendo ser dono da verdade. Glamour de gladiador vários cobiçam. Eu me pergunto como se a disposi-

ção é de Garfield?

Quem disse que é nossa missão, fazer do rap o muro da lamentação?

As vezes penso: Será que vale a pena? Estou aqui juntando palavras, enquanto o príncipe de Mumbai fabrica arquipélagos. Mas truu, nesse terreno árido, onde a esperança padece, atirar semente não é burrice: se florescer firma, se num vingar aduba. Tem os que preferem enterrar minas explosivas no próprio quintal. Cada um planta o que quer. Eu quero ver os DJ's serem reconhecidos como profissionais regulamentados. Ter direito a férias, 13º, greve, vixi... já pensou? Greve de DJ deve ser zica, sem som, sem festa.

O Biotônico pro cérebro vem de descobrir como dribla as dificuldades do dia-a-dia. Estou tonificado.

É pouco pá nois, título deste artigo nº 0, ví pixado num muro. Concordei.

Um muro, uma revista, uma rádio, um show, a regulamentação, a faculdade, eleger a Dilma, o salário, um CD, e-mail, telefone...

...É pouco, muito pouco, pá nois.

É Tudo nosso!

Ah, faltou dizer...

...prazer, dú lado de cá **Toni C.**

O espaço Literatura Marginal é dedicado a escritores periféricos que correm com a Revista RAP NACIONAL. Todos os meses traremos um novo texto de um escritor diferente. Mais textos, poesias e contos no www.rapnacional.com.br/literatura

FerreZ

FERRÉZ NASCEU EM 29/12/75 NO VALO VELHO (CAPÃO REDONDO).
EM 1998 COMEÇOU A ESCREVER UM LIVRO SOBRE SEU BAIRRO.
PARALELO A ISSO COMEÇOU UMA MARCA DE ROUPAS QUE FOSSE PRODUZIDA NA PERIFERIA.
O NOME 1DASUL FOI CRIADO PELO ESCRITOR EM 1999 E VIROU MANIA.



REPRESENTARUA É UMA COLEÇÃO ONDE A ARTE DE UM ARTISTA DE RUA VIRA UM PRODUTO 1DASUL E VOLTA PARA A RUA.

PARTE DA RENDA OBTIDA COM A
COMERCIALIZAÇÃO DESTES PRODUTOS
SERÁ REVERTIDA PARA OS PROJETOS
SOCIAIS E CULTURAIS DO INSTITUTO 1DASUL



INSTITUTO 1DASUL

WWW.1DASUL.COM.BR

GUIA DO RAP NACIONAL



ANÚNCIE AQUI - (47) 3347-7475 - 92*199119 - REVISTA@RAPNACIONAL.COM.BR



PRO VINIL
A loja de Hip Hop do DF

Fone: (61) 3224-3599

A loja de Hip Hop do DF. Aqui você encontra roupas e acessórios das melhores marcas do ramo. Temos acessórios para DJs, CDs de RAP Nacional e Gringo pelo melhor preço! Vá e confira!

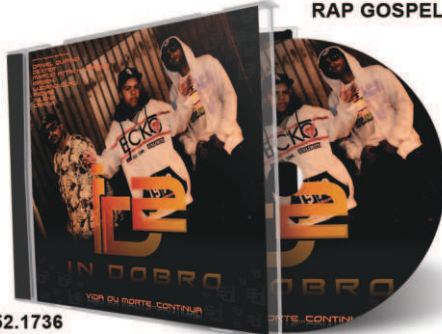
ENDEREÇO
SDS - Ed. Miguel Badya - Loja 35 - CONIC - Brasília DF



ACESSE O NOVO SITE DA PORTE ILEGAL
WWW.PORTEILEGAL.COM.BR

MÚSICAS - VÍDEOS
EVENTOS - FOTOS - AGENDA

Alta Voltagem e Nossa Alma Músic apresentam:



RAP GOSPEL

IN DOBRO
Em novembro nas Lojas

contato:
(48)9627.6712 (11)8552.1736



KINGS
sneakers

LOJA KINGS - SNEAKERS SHOP
(11)3222-6032
AV. SÃO JOÃO, 439 - LOJAS 20, 34,
167. CENTRO - SÃO PAULO - SP
WWW.LOJAKINGS.COM.BR



LIVRARIA SUBURBANO CONVICTO
RUA 13 DE MAIO, 70 - 2º AND - BIXIGA
SÃO PAULO - SP - CEP: 01327-000
TEL: (11) 2569-9151

www.livrariasuburbanoconvicto.blogspot.com
suburbanoconvicto@hotmail.com



Faça caricatura da sua banda com o

EMAIL: FABIO@RAPNACIONAL.COM.BR
TEL: (11) 7172.0581



Loja Rap NACIONAL
www.rapnacional.com.br

Compre roupas, CDs, DVDs, livros e produtos da cultura hip-hop em geral sem sair de casa.

Compre pela internet ou por telefone (47) 3347-7475

Enviamos para todo o Brasil



Fotógrafo, documentarista produtor cultural
Avelino regicida

(11) 67997143
www.oregicidiaoestaporvir.blogspot.com
regicidas@hotmail.com www.flickr.com/photos/obturadores

Histórias em quadrinhos do

RAP NACIONAL



Caramba!
Tô vendo aqui na internet
que além do site, agora
o Portal Rap Nacional
vai fazer a revista!!!

É Brown, ... Daqui de cima
eu e o Sabotagem estamos
vendo que ainda pra alguns
o RAP É COMPROMISSO!!!



Muito bem
representado!
Estamos
lado a lado...



O RAP tá mesmo
invadindo a cena.
Agora tá completo,
temos programas na tv,
sites, rádios e agora,
novamente a nossa
própria revista!

Podecrê mesmo,
mil grau essa
iniciativa do nosso
irmão Mandrake,
tem apoio total do
Facção Central.



É
mesmo!!!

E pra começar a capa
da número 1 é você
Eduardo, olha só que
da hora!

PARABÊNS!!!
A REVISTA É
NOSSA!!!



Obrigado rapaziada
tamo junto!!! Fico feliz
pela recepção, é muito
bom poder contar com
os verdadeiros!!!



Mandrake, também fico
feliz e pode contar que
toda edição vocês terão
aqui os "Quadrinhos do
RAP NACIONAL", feitos
por mim, Fabio Torres...
Fiquem com Deus
e até a próxima.



CityLocs



XT



GST



KAT

CITYLOCS.COM.BR